

Paisagem

Vegetação
Praça
Lote
Fotossíntese
Quadra
Exóticas
Sensorial
Raiz
Geofísica
Horizonte
Nativas
Parque
Pier
Jardim
Ramificação

Glossário Arquitetura da Paisagem e Paisagística

a importância do discurso na prática

Barbara Irene Wasinski Prado



2024

**Glossário de Arquitetura da Paisagem e Paisagística:
a importância do discurso na prática**

Barbara Irene Wasinski Prado

São Luís, Maranhão
2024

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem expressa autorização da editora.
Texto redigido e revisado sob as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa a partir de 1º de janeiro de 2016
Copyright @ Barbara Irene Wasinski Prado
Algumas definições tiveram apoio de IA Generativa

P896g Prado, Barbara Irene Wasinski.

Glossário de Arquitetura da Paisagem e Paisagística: a importância do discurso na prática. [recurso eletrônico]. / Barbara Irene Wasinski Prado. – São Luís: EDUEMA, 2024. 190p.:il. color.

ISBN: 978-85-8227-504-7

1. Glossário. 2. Arquiteturas da Paisagem. 3. Paisagística. 4. Espaços Livres. 5. Conexão. I. Prado, Barbara Irene Wasinski. (Org.). II. Título.

CDU: 71(038)

Elaborado por Luciana de Araújo- CRB 13/445

Esta obra é protegida pela Lei 9.279/96 (Lei de Propriedade Industrial), Lei 9.609/98 (Lei de Programas de Computador), Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais) e Decreto 2.553/98 (que dispõe sobre a obrigatoriedade de premiação para inventores de instituições públicas) tendo como cotitulares a UEMA e Barbara Irene Wasinski Prado, respeitados seus direitos.
Organização da Coletânea de termos: Barbara Irene Wasinski Prado
Projeto Gráfico: Barbara Irene Wasinski Prado

GLOSSÁRIO

ABRASÃO:	26
ADRO:	26
ALAGADO CONSTRUÍDO:	27
ALAMEDA:	27
ÁLEA:	27
ALEGRETES:	27
ALEGRETE ACESSÍVEL:	28
ALEGRETE MEIO-FIO:	28
ALTERAÇÃO DA LINHA DA COSTA DAS ILHAS:	28
ALTERAÇÃO DAS MARÉS:	29
ALTOMAR:	29
ALTURAS DA MARÉS:	29
ANTEDUNA:	30
AQUÁRIO DE COLEÇÃO:	30
AQUÁRIO DE EXIBIÇÃO:	30
ARBÓREA:	31
ARBORIZAÇÃO:	31
ARBUSTIVA:	31
ÁREA ABERTA:	31
ÁREA COMUM:	32
ÁREA DE LAZER:	32
ÁREA LIVRE:	32
ÁREA PARA JOGOS:	32
ÁREA VERDE:	32
ARQUIPÉLAGO:	33
ARQUITETURA:	33
ARQUITETURA DA PAISAGEM:	34

ARQUITETURA DAS ÁRVORES:	34
ARQUITETURA PAISAGÍSTICA:	35
ARRANJO PAISAGÍSTICO:	35
ARROIO:.....	35
ARVORETA:.....	35
ÁTRIO:	36
BACIA DE DRENAGEM:.....	37
BACIA HÍDRICA:	37
BAÍA:	37
BARREIRA ARQUITETÔNICA:.....	37
BARREIRA:	38
BATENTE:.....	38
BEIRA-MAR OU FACE DA PRAIA:	38
BELVEDERE:.....	38
BIODIVERSIDADE:	39
BIOMA:.....	39
BIOTA:.....	39
BORDADURA:.....	39
BOSQUE:	39
BULEVAR:.....	40
CAIAÇÃO DE MEIO-FIO:.....	41
CAIAÇÃO DE TRONCOS:	41
CAIAÇÃO:	42
CALÇADA:	43
CAMPO DE ESPORTE:.....	43
CAMPO DE FUTEBOL:	43
CAMPO DE GOLF:.....	44
CAMPO DE PELADA EM SÃO LUÍS-MARANHÃO:	45
CAMPO DE PELADA:.....	45

CAMPUS:	46
CANIL:	47
CANTEIRO:	48
CANTEIRO COM SEPARADOR:	48
CANTEIRO EM ALEGRETE:	48
CARAMANCHÃO:	48
CARTAS TEMÁTICAS:	49
CARTOGRAMAS:	49
CAVA EM RODA:	49
CEMITÉRIO, NECRÓPOLE OU SEPULCRÁRIO:	50
CICLAGEM:	50
CICLO ROTA OPERACIONAL:	51
CICLOFAIXA:	51
CICLOVIAS:	51
CLAUSTRO:	52
COLMATADAS:	52
COLO:	52
COPA:	53
CURVA DE NÍVEL:	53
PLANTA COLUNAR:	54
D.A.P:	55
DECK:	55
DEGRADAÇÃO AMBIENTAL:	55
DEGRADAÇÃO DO SOLO:	56
DESEMBOLADURA:	56
DESENHO URBANO:	56
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL:	56
DESEQUILÍBRIO AMBIENTAL:	57
DESERTIFICAÇÃO:	57

DESMATAMENTO:.....	57
DIAGNÓSTICO AMBIENTAL:.....	57
DIVISOR DE ÁGUAS:.....	57
DQO:.....	58
DRAGAGEM:.....	58
DRENAGEM SUPERFICIAL:.....	58
DRENAGEM:.....	58
DRENO:.....	58
DUNA:.....	59
DUNAS COSTEIRAS OU MARINHAS:.....	59
ECOLOGIA:.....	60
ECOSSISTEMA MANGUEZAL:.....	60
ECOSSISTEMA:.....	60
EIXO AXIAL HORIZONTAL:.....	61
EIXO AXIAL:.....	61
EIXO/PLANO:.....	61
EIXO RADIAL:.....	61
ELEMENTO COMPOSITIVO:.....	62
EMPOBRECIMENTO SISTÊMICO:.....	62
ENSEADA:.....	62
EROSÃO AGENTES:.....	62
EROSÃO COSTEIRA:.....	63
EROSÃO EÓLICA:.....	63
EROSÃO INTERNA:.....	63
EROSÃO LAMINAR:.....	64
EROSÃO PELA ÁGUA:.....	64
EROSÃO SPLASH:.....	64
EROSÃO SUBTERRÂNEA:.....	65
EROSÃO:.....	65

ESCOAMENTO GLOBAL DE SEDIMENTOS DOS RIOS:.....	65
ESCOAMENTO SUPERFICIAL:.....	66
ESPAÇOS LIVRES:.....	66
ESPELHO D'ÁGUA:.....	66
ESPLANADA:.....	67
ESTABILIDADE ECOSISTÊMICA:.....	67
ESTAÇÃO ECOLÓGICA:.....	67
ESTACIONAMENTO:.....	67
ESTIRÂNCIO:.....	67
ESTUÁRIO:.....	67
EUTROFIZAÇÃO:.....	68
EXODINÂMICAS:.....	69
FAIXA DA COSTA LITORÂNEA:.....	70
FAIXA DE ORLA:.....	70
FAIXA DE RECUO:.....	70
FALÉSIA:.....	71
FLORA DE MANGUE:.....	71
FLOREIRA:.....	71
FONTE ARTESIANA:.....	72
FONTE DE ÁGUA MINERAL:.....	72
FONTE TERMAL:.....	72
FONTE:.....	72
FONTE:.....	72
FORMAÇÃO:.....	73
FORRAÇÃO:.....	73
FOTOGEOLOGIA:.....	73
FOTOGAMETRIA:.....	73
FOTOINTERPRETAÇÃO:.....	73
FRAGMENTAÇÃO:.....	74

FURCA:.....	74
FUSTE:	74
GEOGRAFIA:.....	75
GEOLOGIA AMBIENTAL:.....	75
GEOLOGIA DE PLANEJAMENTO:.....	76
GEOMORFOLOGIA:	76
GEOPROCESSAMENTO:	76
GERENCIAMENTO COSTEIRO:.....	77
GRAMADO:.....	77
GEOFÍSICA:.....	77
GROTA:.....	78
GRUTA:.....	78
HABITAT:	79
HERBÁCEAS:.....	79
HETEROGENEIDADE DAS ILHAS:.....	79
HIDRÁULICA:	80
HIDROGEOLOGIA:.....	80
HIDROGEOQUÍMICA:.....	80
HIDROGRAFIA:.....	80
HIDROLOGIA:.....	81
HIDROMETEOROLOGIA:.....	81
HIDROMETRIA:.....	81
HIDROSFERA:.....	81
HIDROVIA:	81
HIERARQUIA ECOSISTÊMICA:	81
HIERARQUIA FLUVIAL:.....	82
HOMOGENEIDADE DO ESPAÇO:.....	82
HORIZONTES DE SOLO:.....	82
HORTA:.....	83

ICTIOFAUNA:.....	84
IGAPÓ:	84
IGARAPÉ:.....	84
ILHA:	85
ILHA COSTEIRA DE JUSANTE:	85
ILHA COSTEIRA:	85
ILHA FLUVIAL:.....	85
ILHA OCEÂNICA:	85
ILHAS MARINHAS:.....	86
IMPACTO AMBIENTAL:.....	86
IMPACTO AMBIENTAL REGIONAL:.....	86
INCLINAÇÃO MAGNÉTICA:.....	86
INCLINAÇÃO:.....	87
INDICADOR:	87
INDICADORES AMBIENTAIS:	87
INDICADORES DO SOLO:.....	88
INSOLAÇÃO:.....	88
INUNDAÇÃO:.....	88
INVENTÁRIO BOTÂNICO:.....	89
INVENTÁRIO FLORESTAL:.....	89
IRRIGAÇÃO:	89
ISÓBATA:	89
JARDIM:.....	90
JARDIM BOTÂNICO:	90
JARDIM DE CHUVA:	90
JARDIM ECLÉTICO:	90
JARDIM FORMAL:.....	91
JARDIM GEOMÉTRICO:.....	91
JARDIM HISTÓRICO:.....	91

JARDIM MEDICINAL:	91
JARDIM ORGÂNICO:	92
JARDIM PALACIANO:	92
JARDIM RESIDENCIAL:	92
JARDIM SENSORIAL:	92
JARDIM UTILITÁRIO:	92
JARDIM XERÓFITO:	92
JARDIM ZOOLOGICO:	93
JARDINEIRA:	93
JUSANTE:	93
LABIRINTO:	94
LAGO:	94
LAGO DISTRÓFICO:	94
LAGO EUTRÓFICO:	94
LAGO OLIGOTRÓFICO:	95
LAGOA:	95
LAGOA AERADA:	95
LAGOA AERÓBIA:	95
LAGOA ANAERÓBIA:	95
LAGUNA:	96
LÂMINA DE ÁGUA:	96
LANÇAMENTO DE EFLUENTES LÍQUIDOS:	96
LAPA:	96
LARGO:	96
LEGISLAÇÃO AMBIENTAL:	97
LENÇOL FREÁTICO OU DE ÁGUA:	97
LENHOSA:	97
LICENÇA AMBIENTAL:	97
LICENÇA DE INSTALAÇÃO:	97

LICENÇA DE OPERAÇÃO:.....	98
LICENÇA PRÉVIA:.....	98
LICENCIAMENTO AMBIENTAL:.....	98
LINGUAGEM CAPACITISTA:.....	99
LINHA DA COSTA:.....	99
LINHA DA PREAMAR MÉDIA DE 1831 PRESUMIDA:.....	100
LINHA DE CONTORNO:.....	100
LINHA DE CUMEADA:.....	100
MACIÇO:.....	102
MADEIRA:.....	102
MANANCIAL:.....	102
MANGUE:.....	103
MANGUEZAL:.....	103
MARÉ NEGRA:.....	103
MARÉ VERMELHA:.....	104
MARÉ:.....	104
MATA CILIAR:.....	104
MEANDRO:.....	104
MEIO AMBIENTE:.....	105
MODOS DE PLANTIO:.....	105
MOLHE:.....	105
MOLHES:.....	106
MOLHE DE TETRAPÓDES EM CONCRETO:.....	106
MONTANTE:.....	106
NASCENTE:.....	107
NÍVEL DE REDUÇÃO (NR):.....	107
NÍVEL DO MAR:.....	107
NÍVEL MÉDIO DO MAR (NMM):.....	107
OFFSHORE:.....	109

OLHO D'ÁGUA:	109
OLHOS DA RUA:	109
ONDA DE CHEIA:	109
ORLA:	110
OUTORGA DE DIREITO DE USO DOS RECURSOS HÍDRICOS (ou de Águas):.....	110
OUTORGANTE DE USO DE ÁGUA:.....	111
PAÇO:.....	112
PADRÃO AMBIENTAL:	112
PADRÃO:	112
PADRÕES DA QUALIDADE DA ÁGUA:	113
PADRÕES DE BALNEABILIDADE:.....	113
PADRÕES DE EFLUENTES (líquido):	113
PADRÕES DE EMISSÃO:	114
PADRÕES DE POTABILIDADE:.....	114
PADRÕES DE QUALIDADE AMBIENTAL:	114
PADRÕES DE QUALIDADE DO AR:	115
PAGODE:.....	115
PAISAGEM CULTURAL:	115
PAISAGEM NATURAL:	116
PAISAGEM:.....	116
PAISAGISMO:.....	116
PANTANAL:	116
PÂNTANO:.....	117
PAREDÕES:.....	117
PARKLETS:	118
PARQUE:	118
PARQUE AMBIENTAL:	118
PARQUE ECOLÓGICO:.....	118

PARQUE ESTADUAL:	118
PARQUE LINEAR:.....	119
PARQUE METROPOLITANO:	119
PARQUE NACIONAL:.....	119
PARQUE URBANO:.....	120
PARQUE ZOOLOGICO:	120
PARTERRE:.....	120
PASSEIO PÚBLICO:.....	120
PASSEIO:	120
PATAMAR:	121
PÁTIO:.....	121
PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO:	121
PAVILHÃO:.....	121
PECULIARIDADES AMBIENTAIS:.....	122
PEDOLOGIA:	122
PEDONAL:	122
PELOTIZAÇÃO:.....	122
PENÍNSULA:	123
PERCOLAÇÃO:.....	123
PERFIL DE SOLO:	124
PERFIL LITORÂNEO:.....	124
PERGOLADO:.....	124
PESCA:.....	124
PESCA AMADORA:	125
PESCA CIENTÍFICA:	125
PESCA COMERCIAL:.....	125
PESCA DESPORTIVA:.....	125
PESQUE-PAGUE:.....	125
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA - PCD:	126

PH:.....	126
PIB (Produto Interno Bruto):	126
PICO:.....	127
PIEMONTE:.....	127
PÍER:.....	127
PIRACEMA:	128
PISCICULTURA:	128
PISCINA:	128
PISTAS DE COOPER:	128
PISTAS DE SKATE:.....	128
PLANALTO:.....	128
PLANEJAMENTO:.....	129
PLANEJAMENTO DA PAISAGEM:	129
PLANÍCIE:.....	129
PLANÍCIE ALUVIAL:	130
PLANÍCIE FLUVIAL:	130
PLANÍCIE DE INUNDAÇÃO:.....	130
PLANO BÁSICO:	130
PLANO CADASTRAL:	130
PLANO DA PAISAGEM:	131
PLANO DE GESTÃO:.....	131
PLANO DE MANEJO:.....	131
PLANO DE MANEJO FLORESTAL:	132
PLANO DE MASSAS:	132
PLANO DE PLANTIO:	133
PLANO DE PROTEÇÃO AO SOLO E DE COMBATE À EROSÃO: .	133
PLANO DE RECUPERAÇÃO DE ÁREA DEGRADADA:	134
PLANOS DIRETORES AMBIENTAIS:	134
PLANTA ANUAL:.....	134

PLANTA AUTÓCTONE:	134
PLANTA BIANUAL:	135
PLANTA CADUCIFÓLIA:	135
PLANTA DE MEIA SOMBRA:.....	135
PLANTA DE SOL PLENO:	135
PLANTA DE SOMBRA:	136
PLANTA ESSENCIAL:	136
PLANTA EXÓTICA:.....	136
PLANTA FLORÍFERA:.....	136
PLANTA FRUTÍFERA:.....	136
PLANTA INVASORA EXÓTICA:.....	137
PLANTA INVASORA:.....	137
PLANTA NATIVA:.....	137
PLANTA ORNAMENTAL:	137
PLANTA PERENE:.....	138
PLANTA PERENIFÓLIA:	138
PLANTA TRANSGÊNICA:.....	138
PLANTAÇÃO FLORESTAL:	138
PLANTAS ENDÊMICAS:	139
PLANTAS EXÓTICAS:	139
PLANTAS EXÓTICAS INVASORAS:	139
PLANTATION:	140
PLATAFORMA CONTINENTAL DO BRASIL:.....	140
PLATAFORMA DE ABRASÃO:.....	140
PLAYGROUND:	140
PLEBISCITO:	141
PLUVIAL:.....	141
PLUVIÓGRAFO:.....	141
PLUVIOMETRIA:	141

PLUVIÓMETRO:.....	141
PNB – PRODUTO NACIONAL BRUTO <i>PER CAPITA</i> :.....	141
POCKET PARK:.....	142
PODA:.....	142
POLUENTE:.....	142
POLUENTE ATMOSFÉRICO:.....	143
POLUENTE BIODEGRADÁVEL:.....	143
POLUENTE NÃO-BIODEGRADÁVEL:.....	143
POLUENTES QUALITATIVOS:.....	143
POLUENTES QUANTITATIVOS:.....	144
POLUIÇÃO:.....	144
POLUIÇÃO AMBIENTAL:.....	144
POLUIÇÃO DA ÁGUA:.....	145
POLUIÇÃO DO AR:.....	145
POLUIÇÃO DO SOLO:.....	146
POMAR:.....	146
PONTA:.....	146
PONTAL:.....	146
POPULAÇÃO TRADICIONAL:.....	146
POPULAÇÃO:.....	147
PÓRTICO:.....	147
POSSE:.....	147
POSSEIRO:.....	148
POSSESSÃO:.....	148
POUSO DAS AVES:.....	148
POVOAMENTO FLORESTAL:.....	148
POVOS INDÍGENAS:.....	148
PRAÇA:.....	148
PRAIA DURA:.....	149

PRAIA MOLE:	149
PRAIA:.....	149
PREAMAR:	150
PREAMARES DE QUADRATURA:	150
PREAMARES DE SIZÍGIA:.....	151
PRÉ-DUNAS:	151
PRESERVAÇÃO:	151
PROCESSO ECOLÓGICO:.....	152
PRODUTIVIDADE DO ECOSSISTEMA:.....	152
PROJEÇÃO CARTOGRÁFICA:.....	152
PROJETO ARQUITETÔNICO:.....	153
PROJETO PAISAGÍSTICO:.....	153
PROMENADE:.....	154
PROPAGAÇÃO VEGETATIVA:.....	154
PROPAGAÇÃO:.....	154
PROTEÇÃO INTEGRAL:.....	155
PROTEÇÃO:.....	155
QUADRA:.....	156
QUADRA DE FUTEBOL DE AREIA:	156
QUADRA DE FUTEBOL DE GRAMA:.....	156
QUADRA DE FUTSAL:	157
QUADRA DE SQUASH:	157
QUADRA DE TÊNIS:.....	157
QUADRA DE VÔLEI:.....	157
QUADRAS POLIESPORTIVAS:.....	158
QUALIDADE AMBIENTAL:.....	158
QUALIDADE DA ÁGUA:.....	159
QUINTAL:	159
RAIZ AXIAL:	160

RAIZ ADVENTÍCIA:.....	160
RAIZ FASCICULADA:	160
RAIZ PIVOTANTE (AXIAL):	160
RAIZ RADIAL:.....	161
RAIZ SUPERFICIAL:.....	161
RAIZ TABULAR (Sapopemba):.....	161
RAIZ RESPIRATÓRIA (pneumatóforo):.....	161
RAMO:.....	161
RAMIFICAÇÃO:	162
RAMPA:	162
RECINTO:	162
REENTRÂNCIAS:.....	162
REFÚGIO:.....	162
RENQUE:.....	163
REPUXO:	163
RESERVA BIOLÓGICA:.....	163
RESERVAS ECOLÓGICAS:	163
RIO ESTADUAL:	164
RIO FEDERAL:	164
RIO FRONTEIRIÇO:	165
ROCHA SEDIMENTAR:.....	165
ROTATÓRIA:.....	165
RUA IDEAL:	165
SAIBRO:.....	166
SALIÊNCIAS:.....	166
SALINIDADE:	166
SALOBRO:.....	166
SAMBAQUI:	167
SANEAMENTO AMBIENTAL:	167

SANEAMENTO BÁSICO:.....	167
SEBE:.....	168
SECA:.....	168
SEDIMENTAÇÃO:.....	168
SEDIMENTO:.....	168
SEDIMENTO FLUVIAL:.....	168
SEIXO:.....	169
SELEÇÃO:.....	169
SEMI-HERBÁCEAS:.....	169
SEMILENHOSAS:.....	170
SENSORIAMENTO REMOTO:.....	170
SOLO:.....	170
SOLO ARGILOSO:.....	170
SULCO:.....	171
SUPERFÍCIE DE EROÇÃO:.....	171
TALUDE:.....	172
TALVEGUE:.....	172
TANQUE:.....	172
TERRAÇO:.....	172
TERRENOS ACRESCIDOS DE MARINHA:.....	173
TERRENOS DE MARINHA:.....	173
TERRENOS MARGINAIS:.....	173
TIPOLOGIA ECOSISTÊMICA:.....	173
TOPIARIA:.....	174
TOPO OU CUME (DE MORRO):.....	174
TOPOGRAFIA:.....	174
TRANSMITÂNCIA LUMINOSA:.....	174
TREPADEIRA ou LIANA:.....	174
TREVO ou TESOURINHA:.....	175

TUTOR:.....	175
UMIDADE:.....	176
UMIDADE RELATIVA DO AR:.....	176
UMIDADE DO SOLO:.....	176
URBANIZAÇÃO:.....	176
URNAS:.....	177
VALE:.....	178
VALE FLUVIAL:.....	178
VÁRZEA:.....	178
VASOS:.....	178
VAZÃO:.....	178
VETOR:.....	179
VIA PÚBLICA:.....	179
VISADA:.....	179
GLOSSÁRIO LEGAL.....	180
ABERTURA DE VIA PÚBLICA:.....	180
ÁREAS COMUNS:.....	180
ÁREAS PÚBLICAS OBRIGATÓRIAS EM LOTEAMENTOS:.....	180
CONDOMÍNIO:.....	181
DESMEMBRAMENTO:.....	181
DOMÍNIO PRIVADO DAS VIAS:.....	181
DOMÍNIO PÚBLICO DAS VIAS:.....	181
FRAÇÃO IDEAL DO TERRENO:.....	182
GLEBA:.....	182
INFRAESTRUTURA BÁSICA:.....	182
LOTE:.....	183
LOTEAMENTO:.....	183
OPERAÇÕES URBANAS CONSORCIADAS:.....	183
OPERAÇÕES URBANAS EM SÃO LUÍS-MA:.....	184

OUTORGA ONEROSA DO DIREITO DE CONSTRUIR:.....	184
PERCENTAGEM DE ÁREAS PÚBLICAS:	185
PROJETO ARQUITETÔNICO APROVADO:.....	185
SOLO CRIADO:.....	185
TESTADA DO LOTE:	186
UNIDADES AUTÔNOMAS:.....	186
VIA PÚBLICA:.....	186

APRESENTAÇÃO

Este livro apresenta um glossário que, embora sempre em construção, oferece um conjunto robusto de 185 termos para apoiar futuras gerações de profissionais no desenvolvimento de projetos paisagísticos. O objetivo é destacar o vocabulário dos elementos que compõem a paisagem e os espaços livres.

Enquanto, no senso comum, é aceitável nomear os espaços de forma genérica, para futuros arquitetos e urbanistas, essa abordagem é inadequada, pois nem todo espaço livre pode ser reduzido a "praça". A intenção é provocar a reflexão de que diferentes arquiteturas resultam em espaços livres específicos, cada um com suas características próprias. Assim, a preocupação é nomear corretamente esses espaços, descrevendo suas arquiteturas, usos, técnicas e métodos, quando aplicável.

A intenção deste glossário é explicar as arquiteturas de forma descomplicada, inspirando-se na abordagem de Gordon Cullen para a Paisagem Urbana:

Um edifício é arquitetura, dois edifícios é a

Paisagem Urbana.

Assim como Cullen simplifica a compreensão da paisagem urbana através da relação entre as edificações, e assim esclarecer a noção de espaços livres, mostrando como os elementos se conectam, integram e dão significado aos ambientes urbanos.

O espaço livre é o que está fora dos edifícios.

Minha proposta foi a de detalhar, de maneira clara e acessível, as diversas formas e funções desses espaços e os elementos paisagísticos que os estruturam.

INTRODUÇÃO

A arquitetura da paisagem e a paisagística, com sua riqueza de termos e conceitos, refletem a diversidade e a complexidade dos espaços que são modelados.

Este glossário busca desvendar o vocabulário essencial dessa disciplina, apresentando uma seleção de termos categorizados por tipo ou função, enriquecidos com descrições que destacam suas características arquitetônicas e elementos distintivos.

Essa coleção de termos vem sendo produzida desde longa data e parte deste conteúdo esteve disponibilizada nas páginas WEB do Laboratório da Paisagem e dos Ambiente Construído – LAPA.

O leitor notará que muitos termos se referem a paisagem marinha do litoral e de processos industriais que se realizam no nosso lócus de pesquisa – São Luís do Maranhão.

Aqui estão incorporadas e complementadas com mais termos relacionados a Paisagem, aos elementos que compõem a Paisagem Natural e Cultural, a designação formal dos espaços livres, aos elementos que compõem os espaços livres, aos métodos e técnicas construtivos e de modelação dos espaços vegetados. Muitos termos deste glossário estão relacionados

à condição insular. Uma rica variedade de termos que fazem parte do vocabulário daqueles que projetam a paisagem. Longe de ser completo espero poder revisá-lo e incrementá-lo em breve.

A

ABRASÃO:

Ação do mar na zona costeira que promove a erosão. O termo abrasão, embora tenha sido usado no início para designar o desgaste produzido pelo mar, hoje engloba todas as ações exodinâmicas: fluvial, eólica, glacial, pluvial, cultural etc. Nos abruptos escarpados das falésias, a abrasão se dá por solapamento da base pelas ondas e correntes marítimas que ocasionam desmoronamentos sucessivos.

ADRO:

Área livre aberta, geralmente pavimentada, situada em frente a edificações ou ao redor de uma igreja ou edifício religioso, marcando a entrada e a transição para o espaço sagrado. Possui superfície de pedra, calçamento ou outro material durável, e pode incluir elementos como escadas, rampas ou plataformas que facilitam o acesso ao edifício principal e pode ser circundado por muros ou edificações adjacentes. Destinado geralmente, para atividades comunitárias, procissões e outras funções eclesíásticas (século XVII, XIX).

ALAGADO CONSTRUÍDO:

Bacia ou canal raso inundável construído para simular ambientes úmidos ou pantanosos e que funciona com o fluxo controlado de água residual ou de chuva, visando o tratamento de água ou a criação de habitats para a vida selvagem. A vegetação plantada substrato, como areia ou cascalho, em geral absorve, filtra e degrada contaminantes promovendo a purificação natural antes de ser liberada de volta ao ambiente ou reutilizada.

ALAMEDA:

Caminhos ladeados por árvores plantadas em fila a distâncias semelhantes, criando percursos pedonais ou veiculares sombreados e esteticamente agradáveis. Duas áreas paralelas formam uma alameda.

ÁREA:

Plantio de árvores em fila a distâncias semelhantes, proporcionando uma arborização que sombreia vias e passeios (ver arborização).

ALEGRETES:

São os canteiros que circundam árvores ou palmeiras, utilizados para afastar o crescimento de espécies que

prejudiquem os troncos e estipes. Eram conhecidos como CAVA EM RODA no século 19.

ALEGRETE ACESSÍVEL:

Elemento construído que se aplica sobre a cava de roda das árvores e palmeiras plantadas em calçadas e pisos, sem formar barreira arquitetônica ao pedestre. Em geral, a cava de roda recebe uma cobertura permeável no mesmo nível do piso circundante.

ALEGRETE MEIO-FIO:

Elemento construído elevado que circunda as cavas de roda de árvores e palmeiras ou canteiros de plantas ornamentais, formando meios-fios, obstáculos mais altos que o nível dos pisos circundantes e, em geral, em muitas cidades são pintadas com cal, (ver caiação).

ALTERAÇÃO DA LINHA DA COSTA DAS ILHAS:

Não somente transforma a paisagem das ilhas e de suas bordas, mas também implica na redução da superfície insular. O perímetro referenciado pela linha de contorno da costa pode representar nas ilhas, a delimitação da superfície e a definição de sua finitude.

ALTERAÇÃO DAS MARÉS:

Subida e descida das águas do mar que ocorre por fatores variáveis e complexos não só de origem natural, mas cultural. Tanto ocorre por causa do degelo, do assoreamento vindo das terras altas, ou mesmo pela alteração do perfil praial das costas litorâneas, especialmente pelo processo de urbanização, seja fomentado pelo turismo ou pela industrialização.

ALTOMAR:

Área fora da costa litorânea adentrando ao mar (em inglês offshore).

ALTURAS DA MARÉS:

As alturas das marés geradas através da previsão harmônica são referidas ao nível de redução (NR) adotado para a confecção de cartas náuticas para os diversos portos e barras. Para os portos nacionais, as cartas são publicadas pela Diretoria de Hidrografia e Navegação - DHN e para os portos estrangeiros, publicadas por diversas instituições, sendo elas indicadas à direita do cabeçalho, junto ao número da respectiva carta.

ANTEDUNA:

Também chamadas "dunas exteriores", podem ser cobertas periodicamente pelo mar que avança. Ao recuar o mar, a água que persiste entre as partículas de areia evapora e um grande teor salino se origina, por conseguinte, nessas areias. Só plantas que toleram um alto teor de sal aí podem viver, desde que providas, simultaneamente, de adaptações que lhes permitam viver sobre areia movediça. Estolhos de enorme comprimento e tufos de caules, ambos formando subterraneamente uma trama de numerosas raízes, são muito comuns (Ferri, 1981).

AQUÁRIO DE COLEÇÃO:

Tanque de água projetados para a exibição de peixes e plantas aquáticas, unindo biologia e estética, com dimensões variáveis, e geralmente construídos em vidro ou acrílico transparentes.

AQUÁRIO DE EXIBIÇÃO:

Aquário edificado consiste em ambientes com tanques ou grandes recipientes de vidro ou acrílico transparente para abrigar ecossistemas aquáticos, em ambiente controlado e permitindo a observação dos visitantes, dos seres vivos abrigados. São equipados com sistemas de: controle da qualidade da água (temperatura, filtragem e aeração); de

iluminação que simula o ciclo natural de luz e favorecem o crescimento de plantas aquáticas atendendo às necessidades específicas dos organismos vivos. O design do aquário pode variar em tamanho, forma e complexidade, para instalações que simulam diferentes habitats aquáticos, como recifes de coral, ambientes de água doce ou salgada.

ARBÓREA:

Termo aplicável para caracterizar o tipo ou o porte da vegetação lenhosa.

ARBORIZAÇÃO:

Ato ou efeito de arborizar. Plantar árvores.

ARBUSTIVA:

Termo aplicável para caracterizar o tipo ou o porte da vegetação mais baixa que a arbórea, ou ainda uma espécie semilenhosa, semi-herbácea ou herbácea.

ÁREA ABERTA:

Espaço livre semifechado com cobertura, destinado a diversas atividades que integram interior ao exterior.

ÁREA COMUM:

Espaço compartilhado em comunidade, para uso dos moradores (exemplo: um condomínio).

ÁREA DE LAZER:

Espaços projetados com estruturas para recreação, como playgrounds etc.

ÁREA LIVRE:

Espaço livre sem cobertura, destinado a diversas atividades ou serviços ao ar livre.

ÁREA PARA JOGOS:

Espaço projetado para recreação e entretenimento, podendo incluir mobiliário para jogos, equipamentos de esporte e quadras esportivas.

ÁREA VERDE:

Área vegetada mapeada em cartografia de diversas escalas e representada como manchas verdes em mapas e projetos, generalizando todos os tipos de espaços livres sem indicar o tipo de vegetação que a compõe ou a função social do espaço.

ARQUIPÉLAGO:

Agrupamento de ilhas que se encontram concentradas em certas áreas dos oceanos. Na foz dos rios deltaicos também se formam arquipélagos de natureza sedimentar (EMBRAPA, 1996).

ARQUITETURA:

Arquitetura é o campo disciplinar que se dedica a ciência de projetar e construir edificações e espaços que atendam às necessidades humanas, tanto práticas quanto estéticas. Ela abrange a concepção de estruturas residenciais, comerciais, industriais e públicas, integrando considerações de funcionalidade, segurança, sustentabilidade e harmonia com o ambiente. A arquitetura reflete a cultura, a sociedade e a história, influenciando a maneira como vivemos e interagimos com o espaço ao nosso redor. Além de focar na construção física, a arquitetura também envolve o planejamento urbano, o design de interiores e a paisagem, buscando soluções inovadoras e criativas para melhorar a qualidade de vida e o bem-estar das pessoas.

ARQUITETURA DA PAISAGEM:

É a forma, organização, composição, combinação de elementos naturais e culturais. Elementos Geofísicos, Fauna florísticos, Construídos e a Sociedade (Prado, 2016) amalgamados conforme suas diversidades. É ainda a ciência de perceber, conhecer, conviver e transformar a paisagem para nela conviver.

ARQUITETURA DAS ÁRVORES:

O termo "arquitetura das árvores" refere-se à estrutura física e à disposição espacial das árvores, incluindo a forma e o tamanho de suas copas, troncos, ramos, raízes, floração, frutificação e outras características importantes para sua aplicação em espaços livres. Esta arquitetura varia amplamente entre as espécies, adaptando-se a diferentes condições ambientais e ecológicas, e desempenha um papel crucial na determinação do habitat e da biodiversidade de uma área. A arquitetura das árvores influencia a penetração de luz solar, a circulação de ar, e a retenção de umidade no ambiente, além de contribuir para a estética de paisagens naturais e urbanas. No contexto da arquitetura paisagística e do planejamento urbano, o entendimento da arquitetura das árvores é essencial para o projeto de espaços que integram harmoniosamente a

vegetação, melhorando a qualidade de vida, a sustentabilidade e o bem-estar das comunidades.

ARQUITETURA PAISAGÍSTICA:

É arte e técnica de criar, projetar e construir espaços livres públicos ou privados, a partir da resolução espacial do local onde se implanta e para quem se implanta, aplicando-se com métodos e técnicas os materiais de construção civil e o vegetal.

ARRANJO PAISAGÍSTICO:

Trata-se da combinação de elementos geofísicos, os fauno-florísticos, as construções e a sociedade configurando uma paisagem natural ou cultural.

ARROIO:

Pequeno curso de água; pequena corrente de um líquido qualquer.; também denominado REGATO; RIACHO.

ARVORETA:

Árvore de pequeno porte ou vegetal conduzido que forma uma copa. Exemplo pode ser apresentado com cultivo da Bougainville, guiada para formar um teto (dossel) ao ar livre, extraindo-se seus ramos criando um fuste alto (2,00m).

ASSOREAMENTO:

Processo geomórfico de deposição de sedimentos que pode ocorrer nos canais de igarapés, riachos e rios podem ter causa fluvial, eólica, marinha ou cultural.

ÁTRIO:

Espaço aberto interno com teto permitindo a entrada de luz natural através de claraboia, geralmente localizado na entrada de um edifício, como igrejas, edifícios públicos ou residenciais, circundado por paredes ou colunatas, proporcionando uma área de recepção ou de passagem. O piso é tipicamente pavimentado com materiais duráveis como pedra, cerâmica ou concreto. Pode incluir ornamentação com plantas, fontes ou obras de arte.

B

BACIA DE DRENAGEM:

É a área de terra que coleta e direciona a água da chuva para um único ponto de saída.

BACIA HÍDRICA:

É a área de terra que coleta e direciona a água da chuva, rios e outras fontes para um único ponto de saída, como um rio, lago ou oceano (em inglês watersheds).

BAÍA:

Reentrância formada na costa onde o mar penetra no interior das terras que apresenta um estreitamento nos extremos da baía. A porção do mar que avança dentro dessa reentrância do litoral é menor que a verificada nos golfos. Em geral, formam praias abrigadas do mar.

BARREIRA ARQUITETÔNICA:

Toda e qualquer estrutura, construção, equipamentos, rampa, canteiros, cava de roda de árvores, árvores, arbustos e

forrações, e demais elementos que impeçam o livre trânsito pedonal.

BARREIRA:

Obstáculo natural ou construído pelo homem que impede o fluxo das águas (em inglês barrier).

BATENTE:

É uma faixa de transição dentro da costa, que marca o limite da ação do mar e o início da vegetação de solo. É o espaço praial onde a marés de lua e ressacas alcançam. Parte da face ou beira-mar e da praia compõe o batente. Durante as ressacas, as águas do mar avançam sobre a costa e inevitavelmente alcançam o limite do batente. É quando danos em curso provocam a erosão do litoral.

BEIRA-MAR OU FACE DA PRAIA:

Faixa que vai da linha de contorno até o limite da ação das vagas nas marés de lua ou preamar de quadratura. É a faixa seca que compõe a praia.

BELVEDERE:

Estruturas elevadas que oferecem vistas panorâmicas, destacando-se como pontos focais no desenho paisagístico.

BIODIVERSIDADE:

Representa o conjunto de espécies animais e vegetais viventes.

BIOMA:

Grandes unidades ecológicas definidas por fatores ambientais, tais como plantas e animais que as compõem. 2) Grandes espaços vitais, com ambiente determinado, mesmo tipo de clima e vegetação e fauna bem características.

BIOTA:

Conjunto de seres vivos que habitam um determinado ambiente ecológico, em estreita correspondência com as características físicas, químicas e biológicas deste ambiente.

BORDADURA:

Faixas de plantas de baixa altura, utilizadas para delimitar ou decorar caminhos e canteiros, adicionando ordem e beleza ao design.

BOSQUE:

Áreas com densa vegetação arbórea, criando ambientes que remetem a espaços naturais, essenciais para a biodiversidade e o bem-estar.

BULEVAR:

Vias largas que integram vegetação e elementos urbanos, promovendo a harmonia entre natureza e estrutura urbana.

C

CAIAÇÃO DE MEIO-FIO:

A prática de pintar meios-fios com cal, comum em diversas culturas, origina-se de razões práticas, estéticas e de segurança pública delimitando espaços de uso público. Era considerada eficiente para aumentar a visibilidade para a segurança, auxiliando os motoristas a enxergarem o limite das pistas. A tradição transcende a funcionalidade, incorporando-se à identidade cultural de comunidades, refletindo um orgulho comunitário e a celebração da herança local deixando uma percepção de limpeza e ordem, a cal tem baixo custo e facilidade de aplicação.

CAIAÇÃO DE TRONCOS:

Caiar os troncos das árvores é uma prática sanitária milenar. Utiliza mistura de cal e água aplicada no tronco que serve para a proteção contra pragas e doenças devido às propriedades antissépticas e fungicidas da cal, para a cicatrização de feridas nos troncos, a proteção solar de árvores em clima temperado, como repelente natural contra herbívoros, para marcar

árvores que necessitam de cuidados específicos e para efeito estético das paisagens urbanas e jardins. Esteticamente, essa prática tem tradições culturais e históricos.

CAIAÇÃO:

Pintura a cal ou água de cal. De acordo com a Revista Universal Lisbonense de 1848, Volume 8, na página 447, recomendava-se para destruir as sementes de musgos que crescem subindo do solo para o tronco das árvores, formando esponjas e apodrecendo as cerejeiras: “Nas árvores novas devem-se cair apenas com uma água de cal”. Na página 485 é comentado que houve invernos rigorosos em 1829, 1830, 1837 e 1839 e, que as temperaturas registradas foram entre 25 e 30° abaixo de zero, fazendo as árvores padecerem, para isso recomendava a limpeza do tronco e uma aplicação de uma mistura de cal viva, água e leite além de proteger envolvendo com palha. A caiação também era aplicada às paredes dos estábulos para: “A cal não só dá mais alegria à vivenda, e traz mais limpas e aceiadas as paredes, mas ataca mesmo chimicamente, até certo ponto, os eflúvios mortíferos fixados a ellas, os quaes so esperam oportunidade para enfermar os animaes ahi contidos (página 483)”.

CALÇADA:

Elemento fundamental da infraestrutura urbana, destinada à circulação de pedestres e adaptada para garantir acessibilidade. A arquitetura da calçada está limitada entre o limite do lote e a via de circulação, geralmente marcado pelo meio-fio. Inclui o passeio de 1,20 metros, e a área de serviço, onde em geral ficam localizados os alegretes das árvores, canteiros ajardinados, postes, totens de sinalização pública e distribuição de infraestruturas e serviços públicos. Pode ainda ter área de transição a ser utilizada para adequar a entrada de veículos ao lote, desde que não forme barreira arquitetônica no passeio da calçada. Devem ser devidamente sinalizadas para circulação livre pedonal de portadores de necessidades especiais.

CAMPO DE ESPORTE:

Espaços esportivos ao ar livre, cada um com suas especificidades de vegetação e topografia, projetados para a prática de atividades físicas de competição e/ou de lazer.

CAMPO DE FUTEBOL:

Área retangular com grama natural ou sintética para jogos de futebol, seguindo dimensões oficiais estabelecidas por organizações esportivas, geralmente seguem padrões da FIFA, entre 100 e 110 metros de comprimento e 64 a 75 metros de

largura. As linhas delimitam o espaço de jogo, incluindo linhas laterais, de fundo, a área penal e o círculo central. No centro de cada linha de fundo, situa-se a baliza ou gol, estrutura com 7,32 metros de largura por 2,44 metros de altura. O campo é equipado com marcações claras. Próximo a cada extremidade do campo, há uma grande área retangular, a área penal, com uma marca de pênalti a 11 metros do gol. e o ponto central para início das partidas, projetado para competições e treinamentos. Ao redor do campo, há espaços adicionais para a circulação dos jogadores, técnicos, árbitros e assistentes, bem como áreas designadas para a imprensa, espectadores e outras infraestruturas de apoio como vestiários, bancos de reserva e instalações médicas. As instalações são projetadas não só para acomodar as necessidades dos jogadores e árbitros, mas também para garantir a segurança e o conforto dos espectadores, com acessos claramente definidos, assentos e áreas de evacuação de emergência.

CAMPO DE GOLF:

Um campo de golfe é uma área esportiva extensa projetada para a prática do golfe, caracterizada pela sua integração com a paisagem natural. Composto tipicamente por 18 buracos que ocupa uma área entre 50 e 60 hectares (500.000 a 600.000 metros quadrados). A distância total percorrida pelos

jogadores, ao longo dos 18 buracos, normalmente varia de 5.500 a 7.000 metros, cada um apresenta desafios únicos através de sua topografia, obstáculos naturais e artificiais, como bunkers de areia e corpos d'água. O objetivo é acertar a bola no buraco com o menor número de tacadas possível. Estruturas de apoio, como clube e loja de equipamentos, complementam a experiência.

CAMPO DE PELADA EM SÃO LUÍS-MARANHÃO:

Em função da grande amplitude do mar e da grande praia pouco inclinada formada nas vazantes, no litoral maranhense as praias são ocupadas formando dezenas de campos de futebol, com as dimensões dos campos oficiais e balizas ou gol de madeira armadas pelos jogadores para as partidas dos finais de semana. É comum ver o time carregando as peças da baliza desmontada e seguindo ou saindo da praia.

CAMPO DE PELADA:

Espaço informal para jogos de futebol, geralmente menor e sem as especificações oficiais de um campo de futebol e com dimensões e superfícies que variam sem seguir padrões rigorosos. Frequentemente improvisado e adaptado ao espaço disponível em terrenos baldios, praias, parques ou até mesmo em ruas de bairros, O solo pode ser de terra batida, areia ou

grama, muitas vezes irregular e sem a manutenção. As marcações, quando existem, são feitas de forma rudimentar, usando cal, pedras, ou objetos encontrados no local. Os gols são improvisados com qualquer material disponível, como paus, pedras, ou mochilas, definindo a largura da meta sem uma altura precisa. A ausência de infraestruturas como vestiários ou arquibancadas é comum, reforçando o caráter recreativo e acessível dessa modalidade de jogo, que prioriza a diversão e a paixão pelo futebol acima da competitividade ou formalidade.

CAMPUS:

Complexo de edifícios, instalações e espaços extensos ao ar livre destinados à educação superior e pesquisa. Abrange salas de aula, laboratórios, bibliotecas, auditórios, escritórios administrativos e áreas de estudo, distribuídos em diversos prédios. Inclui também instalações residenciais para estudantes e professores, refeitórios, centros de saúde e espaços recreativos como quadras esportivas e áreas verdes. Os edifícios variam em estilo arquitetônico, refletindo o período de sua construção, e são conectados por vias pedestres e veiculares.

CANIL:

Espaço projetado para abrigar e cuidar de cães, incluindo áreas para exercícios e alojamento e garantindo sua segurança, conforto e bem-estar. Consiste em uma série de recintos ou baias individuais, geralmente construídos em materiais duráveis como concreto, metal ou madeira, e projetados para serem de fácil limpeza, drenando a matéria orgânica dos animais e a água da lavagem para o sistema sanitário. Cada baia tem espaço suficiente para que o cão possa se movimentar livremente, dormir e comer, muitas vezes equipada com uma cama ou plataforma elevada e tigelas para água e comida. Algumas baias possuem uma área interna e uma externa, permitindo ao cão acesso ao ar livre em um pátio cercado, onde pode exercitar-se e socializar sob supervisão. Telhados ou coberturas protegem os animais das intempéries, enquanto sistemas de drenagem evitam acúmulos de água. O canil pode incluir áreas comuns para treinamento, recreação e socialização, além de instalações de suporte como área de banho, armazenamento de alimentos e escritório administrativo, tudo projetado pensando na saúde e na felicidade dos cães.

CANTEIRO:

Área específica para o cultivo de plantas ornamentais ou utilitárias, permitindo uma organização visual e funcional do espaço. Se dá no nível do solo nu.

CANTEIRO COM SEPARADOR:

Área específica para o cultivo de plantas ornamentais ou utilitárias, delimitado por divisor plástico ou de madeira e se dá no nível do solo nu, gramado ou revestido de outras vegetações.

CANTEIRO EM ALEGRETE:

Área específica para o cultivo de plantas ornamentais ou utilitárias delimitados por meio-fio ou outros materiais como garrafas, troncos, plástico ou madeira e se dá um pouco acima do nível do solo nu, gramado ou revestido de outras vegetações. Mais baixo que uma jardineira.

CARAMANCHÃO:

Estrutura reticulada decorativa dos jardins criando um corredor ou área sombreada, formando um túnel verde que serve como ponto focal no jardim, construída com materiais como madeira, metal e outros, projetada para suportar plantas trepadeiras.

CARTAS TEMÁTICAS:

São representações gráficas que apresentam mapeamentos e mapas mentais com alto nível de abstração que demonstram resultados conceituais e informativos. Também chamados de **CARTOGRAMAS**.

CARTOGRAMAS:

São mapas esquemáticos, com elevado nível de abstração, em que formas ou localizações reais são estilizadas com fins conceituais e informativos. Os elementos cartográficos, reunidos numa só folha, são representações gráficas de fenômenos espaciais e temporais, pelo que abordam numerosos assuntos quase sempre em mutação contínua, como as migrações, fluxos de veículos, desmatamento, reflorestamento etc. A confecção de cartogramas é a área da cartografia temática.

CAVA EM RODA:

São os canteiros que circundam árvores ou palmeiras, utilizados para afastar o crescimento de espécies que prejudiquem os troncos e estipes. Podem ser conhecidos como **ALEGRETES**.

CEMITÉRIO, NECRÓPOLE OU SEPULCRÁRIO:

Área designada para o sepultamento de restos mortais, caracterizada pela presença de túmulos, mausoléus, criptas e columbários. Os espaços são organizados em lotes ou quadras, marcados com lápides, monumentos ou placas comemorativas. Algumas instalações possuem capelas para cerimônias fúnebres e escritórios administrativos. Estruturalmente, inclui vias de acesso pavimentadas para facilitar a circulação de visitantes e veículos funerários e áreas vegetadas com gramíneas e forrações, canteiros de flores e árvores plantadas. O projeto segue regulamentos específicos. O CONAMA (Conselho Nacional de Meio Ambiente), estabeleceu critérios para a implantação de cemitérios, por meio das resoluções de número 335/2003 e 368/2006, visando proteger os lençóis freáticos da infiltração do necrochorume.

CICLAGEM:

É o processo que ocorre nas margens dos rios envolvendo a vegetação, os cursos d'água, os solos e sedimentos e os organismos vivos. Neste processo as águas dos rios operam a natural nutrição e trocas de matérias com os solos e organismos vivos.

CICLO ROTA OPERACIONAL:

Espaço destinado ao trânsito de bicicletas, dentro de vias compartilhadas com veículos motorizados demarcado e operada temporariamente pelos agentes de trânsito.

CICLOFAIXA:

Espaço destinado ao trânsito de bicicletas, no pavimento dentro de vias compartilhadas com veículos motorizados demarcado por pintura de cor vermelha, e por sinalizações específicas, como símbolos de bicicleta e setas direcionais. Tendo 1,50 metros de largura mínima para a circulação segura em um único sentido e 2,40 metros quando em ambos os sentidos. Não possui barreiras físicas que a separem do tráfego geral, mas conta com sinalização vertical e horizontal para segurança de ciclistas e motoristas. Sua largura varia, projetada para acomodar o fluxo de ciclistas em um ou ambos os sentidos.

CICLOVIAS:

Faixa exclusiva para bicicletas separada fisicamente do tráfego de veículos e pedestres por barreiras ou diferenças de nível, delimitada por sinalizações específicas no solo. Tendo 1,20 metros de largura mínima para a circulação segura em um único sentido e 2,50 metros quando em ambos os sentidos.

Pavimentada com asfalto, concreto ou outro material liso, inclui sinalizações horizontais e verticais para orientar os ciclistas, além de elementos de segurança como iluminação adequada e pontos de cruzamento sinalizados.

CLAUSTRO:

Pátio interno quadrangular ou retangular, cercado por corredores cobertos sustentados por colunas ou arcadas, geralmente no coração de edifícios monásticos ou eclesiásticos, proporcionando um espaço tranquilo e isolado para a meditação e o trânsito protegido entre diferentes áreas.

COLMATADAS:

No estudo da mecânica dos solos, o termo é empregado para apontar o substrato em que as partículas mais finas (menor diâmetro) preenchem os vazios deixados por partículas maiores.

COLO:

Parte do tronco ou caule na linha de terra. Limite entre a raiz do tronco.

COPA:

Parte superior das árvores que abrange os galhos, folhas e, às vezes, flores e frutos. Varia em densidade, forma e altura, dependendo da espécie. Funciona como um dossel que realiza a fotossíntese, oferece sombra e habitat para diversas formas de vida. As árvores plantadas próximas formam tetos, olhando-se por baixo da copa e formam dossel observados de cima das copas.

CURVA DE NÍVEL:

Linha que representa, em mapa, pontos de mesma altitude do terreno. As curvas de nível de um mapa são padronizadas em cores e espessuras e sempre correspondentes a altitudes determinadas de múltiplos de um valor altimétrico, ou seja, correspondem a valores equidistantes verticalmente. As curvas de nível permitem uma representação cartográfica do modelado do relevo (3 dimensões) o que atende a um sem-número de finalidades, além daquela que é a primordial (visualização das formas do terreno), entre outras: cálculo de volumes de terra; traçado de estradas por declives selecionados; cálculo de zonas ou faixas de visibilidade (militar, telecomunicações...).

PLANTA COLUNAR:

Planta em geral arbustiva ou arbórea com formato alongado verticalmente, como a *Thuja occidentalis*, *Cupressus sempervirens*, *Juniperus virginiana*, o *Cereus uruguayanus* (cacto candelabro) e o *Cereus jamacaru* (mandacaru).

D

D.A.P:

Diâmetro a altura do peito, medição do mateiro em campo dada em centímetros para identificar aproximadamente a grossura do caule ou tronco da planta.

DECK:

Plataformas, geralmente de madeira, utilizadas como áreas de lazer ou observação, enriquecendo o espaço com texturas e conforto.

DEGRADAÇÃO AMBIENTAL:

Termo usado para qualificar os processos resultantes dos danos ao meio ambiente e/ou à qualidade da água, pelos quais se perdem ou se reduzem algumas de suas propriedades, tais como, a qualidade ou a capacidade produtiva dos recursos ambientais.

DEGRADAÇÃO DO SOLO:

Modificações que atingem um solo, passando o mesmo de uma categoria para outra, muito mais elevada, quando a erosão começa a destruir as capas superficiais mais ricas em matéria orgânica, resultando em salinização, alcalinização e acidificação e estados de desequilíbrios físico-químico no solo, tornando-o inapto para o cultivo.

DESEMBOCADURA:

Parte final dos rios onde estes se encontram com o mar

DESENHO URBANO:

Processo técnico-artístico integrado ao planejamento urbano, que tem como objetivo o ordenamento do espaço urbano em todas as suas escalas, de macro a micro, em resposta à necessidade de adequá-lo à realidade psicossocial, física, econômica e histórica do lugar" (SAHOP, 1978).

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL:

Modelo de desenvolvimento que leva em conta, além dos fenômenos econômicos, os de aspectos sociais e ecológicos, atendendo às exigências do presente, sem comprometer as gerações futuras.

DESEQUILÍBRIO AMBIENTAL:

Fenômeno natural ou induzido que afeta o ecossistema de uma região, modificando a inter-relação entre os organismos vivos e seu ambiente. Traduz-se, principalmente, pela explosão populacional de determinada espécie - fauna ou flora, sobre as demais, ou pelo declínio e extinção das várias espécies que compõem o sistema ecológico local.

DESERTIFICAÇÃO:

Quando a terra se torna cerca de 10% menos produtiva que antes.

DESMATAMENTO:

Destruição de florestas e matas.

DIAGNÓSTICO AMBIENTAL:

Conhecimento de todos os componentes ambientais de uma determinada área (país, bacia hidrográfica, estado, município etc.) para a caracterização da sua qualidade ambiental.

DIVISOR DE ÁGUAS:

1. o mesmo que linha de cumeada. 2. Linha-limite ou fronteira que separa bacias de drenagem adjacentes' (DNAEE, 1976).
"Linha separadora das águas pluviais" (Guerra, 1978)

DQO:

Demanda Química de Oxigênio: 1. Medida da capacidade de consumo de oxigênio pela matéria orgânica presente na água ou água residuária. Expressa como a quantidade de oxigênio consumido pela oxidação química, no teste específico; 2. Utilizada para medir a quantidade de matérias orgânicas das águas naturais e dos esgotos.

DRAGAGEM:

Remoção mecânica de sedimentos depositados em um corpo d'água.

DRENAGEM SUPERFICIAL:

Conjunto de processos destinados ao esgotamento de águas superficiais. O mesmo que rede de drenagem.

DRENAGEM:

Conjunto de processos ou métodos destinados a coletar, retirar e conduzir a água de percolação de um maciço, estrutura ou escavação.

DRENO:

Elemento drenante em sua concepção mais simples, constituído por furo capaz de coletar a água e conduzi-la para o local de esgotamento.

DUNA:

Acumulação de areia originada pelo vento, onde existem areias soltas sem cobertura vegetal cerrada, o que se dá geralmente nas praias ou nos desertos. 2. Montes de areia depositados pela ação do vento dominante. A movimentação dos grãos de quartzo é constante, devido à ação do vento. As dunas podem ser móveis ou fixas, neste caso geralmente com presença parcial ou total de vegetação de restinga. Seu papel é filtrar a água do mar e impedir a salinização das águas dos lençóis freáticos.

DUNAS COSTEIRAS OU MARINHAS:

1. São acumulações arenosas litorâneas, produzidas pelo vento, a partir do retrabalho de praias e restingas (FEEMA - Proposta de decreto de regulamentação da Lei no 690 de 01.12.83). 2. Montes de areia móveis, depositados pela ação do vento dominante, localizadas na borda dos litorais" (Guerra, 1978). 3. Formação arenosa produzida pela ação dos ventos, no todo ou em parte estabilizada ou fixada pela vegetação (Resolução no 004, de 18.09.85, do CONAMA).

E

ECOLOGIA:

Estudo das relações entre organismos e seus ambientes, incluindo o estudo das comunidades, padrões de vida, ciclos naturais, inter-relações entre os organismos, biogeografia e mudanças populacionais. (Bates e Jackson, 1987, p. 206)

ECOSSISTEMA MANGUEZAL:

Apresenta limites verticais variáveis delimitadas pela água do mar que adentra na floresta de mangue protegida da ação de ondas (limites definidos pelo nível médio das preamares de quadratura e nível das preamares de sizígia. Compõe este ecossistema natural: o solo lamoso, as águas, o ar, a flora típica e a fauna dependente.

ECOSSISTEMA:

Ou sistema ecológico é qualquer unidade que inclua todos os organismos em uma determinada área, interagindo com o ambiente físico, de tal forma que um afluxo de energia leve a uma estrutura trófica definida, diversidade biológica e

reciclagem de materiais - troca de materiais entre os componentes vivos. É a unidade básica da ecologia.

EIXO AXIAL HORIZONTAL:

Conceito fundamental no projeto arquitetônico paisagístico e planejamento da paisagem, referindo-se a uma linha imaginária que organiza e orienta a disposição de elementos arquitetônicos e paisagísticos em um espaço. Ele cria uma direção dominante, estabelecendo uma relação visual e estrutural entre componentes distintos, facilitando a circulação e a coerência espacial.

EIXO AXIAL:

Descreve o traçado dominante do desenho da paisagem utilizado nos projetos.

EIXO/PLANO:

Elementos de desenho/projeto que orientam a disposição das estruturas e vegetação, fundamentais na criação de espaços harmoniosos e funcionais.

EIXO RADIAL:

Descreve o traçado irradiante do desenho da paisagem utilizado nos projetos.

ELEMENTO COMPOSITIVO:

Indivíduo material ou vegetal que se aplica na composição de um espaço livre ou uma obra.

EMPOBRECIMENTO SISTÊMICO:

É um efeito da mudança da estrutura do ecossistema (PRADO, 2011). Na floresta, por exemplo, a heterogeneidade do habitat e a diversidade estrutural são os fatores mais importantes que determinam a riqueza de espécies em florestas nativas. Quanto maior for o nível de extração de madeira, mais significativas serão as mudanças apresentadas pela estrutura da floresta e, conseqüentemente, maior o impacto da exploração sobre a avifauna (Miguel Angel Quimbayo Cardona).

ENSEADA:

Reentrância da costa, bem aberta em direção ao mar, porém com pequena penetração deste, ou, em outras palavras, uma baía na qual aparecem dois promontórios distanciados um do outro (Guerra, 1978).

EROSÃO AGENTES:

Conjunto de fatores físicos, químicos ou biológicos, naturais, responsáveis pelo modelado do relevo terrestre, na maioria diretamente ligados ao clima (chuvas, rios, água subterrânea,

correntes marinhas, ondas, geleiras, ventos). Pode ser acelerada artificialmente pelo homem, por desmatamentos, cortes de estradas ou outras modificações no manto de intemperismo em geral.

EROSÃO COSTEIRA:

1. São as alterações morfológicas decorrentes tanto de uma dinâmica costeira, seja por ações naturais (incluídos os cataclismos) quanto por ação humana. 2. É a destruição das saliências ou reentrâncias do relevo, tendendo a um nivelamento ou colmatagem, no caso de litorais, enseadas, baías e depressões.

EROSÃO EÓLICA:

Processo que consiste na desagregação e remoção de fragmentos e partículas de solo e rocha pela ação combinada do vento e da gravidade.

EROSÃO INTERNA:

Movimento de partículas de uma massa de solo carregadas por percolação d'água, sendo que o fenômeno é iniciado sob condições de gradiente hidráulico crítico e provoca a abertura progressiva de canais dentro da massa de solo em sentido

contrário ao do fluxo d'água. O mesmo que entubamento. Sin.: erosão regressiva, entubamento, "piping".

EROSÃO LAMINAR:

Ação do escoamento superficial de águas pluviais ou servidas, na forma de filetes de água, que lavam a superfície do terreno como um todo, com força suficiente para arrastar as partículas desagregadas do solo. Ocorre principalmente em vertentes pouco inclinadas com solo desprotegido da vegetação ("terras desnudas").

EROSÃO PELA ÁGUA:

Processo que consiste na desagregação e remoção de solo, fragmentos e partículas de rochas, pela ação combinada da gravidade e da água precipitada e de escoamento. Manifesta-se na forma de erosão laminar, sulcos, ravinas, boçorocas, "piping" (erosão interna).

EROSÃO SPLASH:

É a erosão provocada pelos pingos da chuva que caem sobre o solo. Como acontece quando, por exemplo, se adota em paisagismo, espécies de folhagens largas, que podem provocar o "splash", que é tão prejudicial quanto o solo nu. Noble e Morgan (1983) se referem ao volume de água que pode

acumular-se na folhagem e cair de uma vez no solo perfurando-o e abrindo caminho para a formação de sulcos na terra.

EROSÃO SUBTERRÂNEA:

Ação erosiva da água subterrânea através de processos físicos e químicos. Os efeitos maiores ocorrem pela dissolução de rochas calcárias ou com cimento solúvel. Sua ação origina a formação de cavernas, grutas, dolinas etc.

EROSÃO:

Desgaste do solo por água corrente, geleiras, ventos e vagas.

ESCOAMENTO GLOBAL DE SEDIMENTOS DOS RIOS:

É o resultado de todo material particulado de solos e rochas modificadas que deriva dos continentes e das ilhas junto com a água de cursos d'água, de drenagem pluvial e de degelo. É um grande problema que afeta os mares, causado em grande parte primeiramente pela urbanização, depois pela agricultura e extração mineral. O escoamento é o maior responsável pela alteração da superfície dos mares (85,9%), seguido pelos glaciares (9,4%), ventos (2,8%), erosão costeira (1,2%) e vulcões (0,7%). As marés distribuem o resultado do

escoamento pela orla e pela plataforma continental (92,3%) (DIAS, 2004).

ESCOAMENTO SUPERFICIAL:

Águas que escoam pela superfície dos solos sem infiltrar, seja pela impermeabilidade natural do terreno, seja pelo revestimento com pisos (em inglês runoff).

ESPAÇOS LIVRES:

Considere tudo que está fora da construção fechada, do edifício. É o quintal, o jardim frontal, é a calçada, a praça, o parque, a rotatória, o canteiro central das pistas, o cemitério, o campus, a beira da praia, a beira do rio, a beira da estrada e a própria estrada - todos grandes parques lineares. São ainda as matas, os rios, e o mar. As águas verdes e as águas azuis. E muitos mais espaços livres, naturais, projetados ou conservados.

ESPELHO D'ÁGUA:

Lâminas de água de caráter decorativo que refletem o céu e as estruturas circundantes, ampliando a percepção do espaço.

ESPLANADA:

Área plana e espaçosa ao ar livre, frequentemente utilizada para passeios ou como ponto de encontro.

ESTABILIDADE ECOSISTÊMICA:

É a capacidade de o sistema ecológico retornar a um estado de equilíbrio após um distúrbio temporário. Quanto mais rapidamente ele retorna, e com menor flutuação, mais estável permanece.

ESTAÇÃO ECOLÓGICA:

Modalidade de unidade de conservação que não permite atividade humana.

ESTACIONAMENTO:

Áreas designadas ao estacionamento de veículos, cujo design pode integrar soluções paisagísticas para mitigar impactos visuais e ambientais.

ESTIRÂNCIO:

Faixa do litoral situada entre a mais alta maré e a mais baixa.

ESTUÁRIO:

Tipo de desembocadura de um rio no mar, caracterizada por uma abertura larga, relativamente profunda. Ambiente

desfavorável à acumulação de sedimentos, em virtude da ação das correntes de maré e das correntes litorâneas. A instabilidade de condições (salinidade) dificulta a vida dos organismos.

EUTROFIZAÇÃO:

É o processo de enriquecimento das águas com nutrientes, como nitrogênio e fósforo, que favorece o crescimento excessivo de algas. Isso pode ocorrer de forma natural ou ser acelerado por atividades humanas, como o despejo de esgotos e o uso de fertilizantes agrícolas. Quando há um aumento exagerado desses nutrientes, o lago ou rio passa a apresentar uma superabundância de algas, levando a um consumo excessivo de oxigênio. Esse processo pode causar a morte de organismos aquáticos e a depleção de oxigênio nas águas, o que pode resultar em condições de anaerobiose (falta de oxigênio), mau cheiro e morte de peixes. Os principais impactos da eutrofização incluem: 1-Superenriquecimento das águas por nutrientes, especialmente por esgotos e fertilizantes. 2-Proliferação de algas e bactérias, o que consome grande parte do oxigênio disponível. 3-A água entra em condição de falta de oxigênio, afetando gravemente o ecossistema aquático. A eutrofização pode ocorrer naturalmente, mas é muitas vezes agravada pela ação humana.

EXODINÂMICAS:

São os movimentos, fluxos e ritmos provocados por agentes externos.

F

FAIXA DA COSTA LITORÂNEA:

Esta faixa vai da linha de contorno até um limite na terra da ação direta do mar. Inclui os ecossistemas formados após o limite da ação das vagas, que contém o espaço praial no qual sofre a ação das marés de lua, de sizígia, as ressacas.

FAIXA DE ORLA:

Fica entre os 200 metros depois da preamar em áreas não urbanizadas ou dos 50 metros em áreas urbanizadas e com a isóbata de 10 metros, ou seja, até onde o nível do mar atinge 10 metros de profundidade.

FAIXA DE RECUO:

Faixa que marca onde a água do mar chegava num trecho da linha de costa. Baseia-se nas taxas históricas de recuo da linha de costa, na incursão máxima de marés meteorológicas e nas previsões futuras de subida do nível relativo do mar (em inglês setbacks).

FALÉSIA:

Termo usado indistintamente para designar as formas de relevo litorâneo abrupto ou escarpadas ou, ainda desnivelamento de igual aspecto no interior do continente. Relevo escarpado à beira-mar constituído por rochas ou terra. A falésia representa o resultado do trabalho do mar, como também dos outros tipos de erosão na topografia costeira.

FLORA DE MANGUE:

Composta por faixas de mangue vermelho, preto e branco indo do terreno inundado ao seco e arenoso, respectivamente. Em São Luís do Maranhão quando for o caso, devem ser replantados em terrenos lamosos inundáveis a *Rhizophora mangle* (mangue vermelho), replantar as *Avicennias germinans* ou *Avicennia shaueriana* (mangue preto) na faixa entre a terra firme e a água, após a faixa das *Rhizophoras* e replantar *Laguncuria racemosa* (mangue branco) no bordo da terra firme. Os animais mais comuns neste tipo de ecossistema são os caranguejos, os anelídeos e as larvas de insetos.

FLOREIRA:

Recipientes para plantas, versáteis em sua colocação, desde varandas até espaços internos, trazendo a natureza para perto.

FONTE ARTESIANA:

Fonte cuja água surge sob pressão, geralmente provocada por uma fissura ou outro tipo de abertura na camada confinante que recobre o aquífero.

FONTE DE ÁGUA MINERAL:

Fonte em que a salinidade, sem considerar o bicarbonato de cálcio - $Ca(HCO_3)_2$, é superior a 1 grama/litro. Incluem as fontes radioativas e as medicinais.

FONTE TERMAL:

Fonte cujas águas apresentam temperatura distintamente superior à temperatura média anual local.

FONTE:

Surgência natural de água subterrânea. Existem diferentes tipos de fontes, relacionados a fatores topográficos, geomorfológicos, litológicos e estruturais. (Exs: Fonte de contato, fonte de falha, fonte de soleira etc.).

FONTE:

Estruturas ou construções que utilizam água em movimento como forma de ornamentação e climatização, enriquecendo o ambiente com som e movimento.

FORMAÇÃO:

Conjuntos de vegetação e solo com propósitos educativos ou de conservação, enfatizando a importância da diversidade biológica.

FORRAÇÃO:

Cobertura do solo com plantas baixas, visando a proteção, ornamentação ou demarcação de áreas, essencial para a integridade e a estética do jardim.

FOTOGEOLOGIA:

Fotointerpretação visando o reconhecimento da litologia, estrutura geológica, morfologia, topografia etc. Método extremamente importante no reconhecimento de uma área.

FOTOGRAMETRIA:

Ciência que faz medições acuradas e mapas de fotografias aéreas (Parker, 1989, p. 1418).

FOTOINTERPRETAÇÃO:

Reconhecimento, por meio de fotografias aéreas, de feições no terreno, produzidas por ação antrópica - escavações, desmatamentos, urbanização, rodovias. Processo que envolve a identificação dos elementos da imagem com os objetos do mundo real.

FRAGMENTAÇÃO:

É o processo de compartimentação ecossistêmica que forma fragmentos ecológicos onde, geralmente, se apresentam dois microambientes distintos: um microambiente interior e um microambiente de borda que o envolve. Ambos os microambientes passam a ser distintos do ecossistema original.

FURCA:

Bifurcação do vegetal logo após o fuste, início da ramificação.

FUSTE:

Termo relacionado à estrutura de uma árvore, referindo-se ao seu tronco até a primeira ramificação da furca.

G

GEOGRAFIA:

Ciência que descreve a superfície da Terra, o estudo dos seus acidentes físicos, climas, solos e vegetações e as relações entre o meio natural e os grupos.

GEOLOGIA AMBIENTAL:

Aplicação dos princípios e conhecimentos geológicos aos problemas criados pela ocupação e pela exploração do homem ao meio ambiente. Inclui estudos de hidrogeologia, topografia, geologia de engenharia e geologia econômica, além dos processos, recursos e propriedades de engenharia dos materiais terrestres. Relaciona-se com os problemas ligados à construção de edifícios e facilidades de transporte, controle seguro dos resíduos sólidos e líquidos, gerenciamento de recursos hídricos, avaliação e mapeamento dos recursos minerais e rochas e, planejamento físico de longo alcance e desenvolvimento do uso da terra de modo mais eficiente e benéfico. (Bates e Jackson, 1987, p. 216).

GEOLOGIA DE PLANEJAMENTO:

Campo de aplicação do conhecimento geológico em obras de engenharia – barragens, escavações, mineração, obras viárias, portos, canais, edificações e obras de arte; análise ambiental; planejamento urbano e regional; e recuperação do meio ambiente; considerando os aspectos relacionados à geologia, confecção e utilização de cartas geotécnicas e geológicas, e legislação ambiental.

GEOMORFOLOGIA:

Ciência que estuda as formas de relevo, tendo em vista a origem, estrutura, natureza das rochas, o clima da região e as diferentes forças endógenas e exógenas que, de modo geral, entram como fatores modificadores do relevo terrestre (Oliveira, 1993, p. 242).

GEOPROCESSAMENTO:

É o conjunto de metodologias que visa a Análise Espacial de Dados Georreferenciados utilizando tecnologias de Sistemas de Informações Geográficas (SIG) e Sistemas de Análise de Imagem (SAI), integrados à Sistemas de Gerenciamento de Bases de Dados, relacionais ou não (RDBMS, DBMS), visando a construção de modelos da realidade e, com o objetivo de dar suporte ao planejamento e à tomada de decisões, através

de visualização e/ou monitoramento dos fenômenos relacionados ao Meio Físico e Biótico (Branco, set/1998 - CPRM).

GERENCIAMENTO COSTEIRO:

É o processo de orientar a utilização racional dos recursos da zona costeira, de modo a contribuir para elevar a qualidade de vida de sua população e a proteção de seu patrimônio natural, histórico, étnico e cultural. O Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro foi Instituído pela Lei n.º 7.661, de 16 de maio de 1988 visa o zoneamento ambiental com normas específicas para compatibilizar as atividades econômicas com a preservação ou recuperação das características ambientais nas zonas costeiras.

GRAMADO:

Áreas cobertas por grama, proporcionando espaços abertos para recreação ou simplesmente para embelezar um espaço livre. Recobrimento do solo nu com gramíneas.

GEOFÍSICA:

É o estudo da Terra utilizando métodos físicos, como sísmica, gravimetria, magnetismo e eletricidade. Ela aplica princípios físicos para entender terremotos, calor da Terra, vulcões,

águas superficiais e subterrâneas, além de oceanografia, meteorologia, gravidade, forma da Terra, magnetismo atmosférico e processos geológicos. A geofísica também abrange a engenharia e a exploração de recursos naturais, estudando fenômenos como terremotos e fluxos de calor, utilizando ferramentas físicas para explorar e mapear o planeta.

GROTA:

Parte mais funda de um vale, buraco, fenda entre encostas.

GRUTA:

Cavidade natural ou artificial que pode ser incorporada em jardins ou espaços paisagísticos como elemento decorativo.

H

HABITAT:

Refere-se ao lugar onde um organismo vive e que atende às exigências da espécie para sua sobrevivência.

HERBÁCEAS:

Plantas que possuem poucas fibras na sua arquitetura. Possuem caule macio e flexível, geralmente não lenhoso, e têm um ciclo de vida que pode ser anual, bienal ou perene.

HETEROGENEIDADE DAS ILHAS:

É a característica especificada da paisagem insular que é circunstanciada por práticas socioculturais próprias, acumuladas e transmitidas em razão da condição ilhéu e do contexto que configura os processos espaciais dessa construção coletiva. Consideradas ainda as crenças, nas ilhas pode-se até estabelecer o que é o sagrado ou o profano, conforme seu valor geográfico ou simbólico. Porém, quanto às crenças, elas constituem-se numa experiência primordial

correspondente a uma “fundação do mundo” onde a homogeneização do espaço inexistente (ELIADE, 1992).

HIDRÁULICA:

Ramo da mecânica dos fluidos que trata do escoamento da água (ou outros líquidos) em condutos ou canais abertos.

HIDROGEOLOGIA:

Ciência que estuda o armazenamento e circulação das águas subterrâneas na zona saturada das formações geológicas, considerando suas propriedades físico-químicas, suas interações com o meio físico e biológico e suas reações às ações do homem (Frangipani, 1981, p. 12)

HIDROGEOQUÍMICA:

Ciência que trata da composição química das águas naturais de suas variações e das causas dessas variações.

HIDROGRAFIA:

1. Ciência que trata da descrição e da medida de todas as extensões de água: oceanos, mares, rios, lagos, reservatórios etc. 2. Em particular, cartografia das massas expostas de água, visando as necessidades da navegação. (CID)

HIDROLOGIA:

É a ciência que trata da água, suas formas de ocorrência, circulação, suas propriedades físico-químicas, suas interações com o meio físico e biológico, bem como as suas reações à ação do homem. (Frangipani, 1987, p. 13)

HIDROMETEOROLOGIA:

Estudo das fases atmosféricas e terrestres do ciclo hidrológico, com ênfase em suas inter-relações.

HIDROMETRIA:

Ciência da medida e da análise das características físicas e químicas da água, inclusive dos métodos, técnicas e instrumentação utilizados em hidrologia (YEV, CHOW).

HIDROSFERA:

Parte do globo terrestre coberta de água e gelo. (WMO)

HIDROVIA:

Trecho de um curso d'água ou canal onde é possível a navegação.

HIERARQUIA ECOSSISTÊMICA:

COMUNIDADE pertence ao HABITAT que pertence ao ECOSSISTEMA que pertence ao BIOMA

HIERARQUIA FLUVIAL:

REGATO (arroyo) é menor que RIACHO (igarapé) que é menor que RIO

HOMOGENEIDADE DO ESPAÇO:

1. É o tratamento indiferenciado dado às superfícies. 2. Visão do espaço geográfico sem distinguir especificidades paisagísticas das ilhas (PRADO, 2011).

HORIZONTES DE SOLO:

São camadas de solo que se sobrepõem e que têm diferentes qualidades. Em Arquitetura Paisagística podem ser enfatizados 4 camadas de solo: 1-Camada O que corresponde a primeira camada da superfície com aproximadamente 5 centímetros, composta de solo fértil, com constituição mineral e orgânica. Na Amazônia pode ser formado em condições de excesso de água, como veredas e várzeas. 2-Camada A que está abaixo da camada O tem aproximadamente 25 centímetros e constituição mineral e fértil onde as raízes recebem os nutrientes. 3-Camada B com aproximadamente 75 centímetros está abaixo da camada A e tem grande parte de solo argiloso e onde se encontram a maioria das raízes das plantas. 4-Camada C mais pedregoso e com aproximadamente 120 centímetros onde se encontram as mais profundas raízes

de determinadas plantas. E a Camada R que corresponde a rocha e, portanto, menos permeável. Os leitos de rios se desenvolvem nessa camada.

HORTA:

Espaço voltado para o cultivo de vegetais e ervas, caracterizado por um solo rico e bem drenado, integrando sustentabilidade e educação ambiental ao paisagismo.



ICTIOFAUNA:

Fauna de peixes de uma determinada região.

IGAPÓ:

1. Área da floresta amazônica ou da Amazônia legal que se mantém alagada pela água doce, mesmo após as chuvas ou cheias dos rios. Refere-se também a vegetação típica dessas áreas. 2. Trecho da floresta invadido por enchente, após inundação dos rios, onde as águas ficam estagnadas durante algum tempo. Pântano dentro da mata

IGARAPÉ:

1. Pequeno rio, estreito e navegável, que nasce na mata e deságua num rio maior. Canal estreito entre uma ilha fluvial e outra, ou entre uma ilha e a terra firme, com passagem para apenas uma canoa. Denominação dada aos pequenos rios, na região amazônica ou da Amazônia legal. O volume d'água de um igarapé é, de modo geral, muito superior ao de um arroio.

2. Esteiro ou canal estreito que só dá passagem a igaras ou pequenos barcos; riacho, ribeirão, ribeiro, riozinho.

ILHA:

porções relativamente pequenas de terras emersas circundadas de água doce ou salgada (Guerra, 1978).

ILHA COSTEIRA DE JUSANTE:

Ilha formada no litoral próximos a jusante de rios, a pequena distância do continente (Ilha de Upaon Açu).

ILHA COSTEIRA:

Ilha formada no litoral a pequena distância do continente.

ILHA FLUVIAL:

É aquela que é circundada apenas por água doce, aparecendo no leito de um rio (Guerra, 1978).

ILHA OCEÂNICA:

Ilha isoladas no oceano e distantes do continente. Apresentam ecossistemas únicos, muitas vezes com espécies endêmicas que evoluíram separadamente dos continentes.

ILHAS MARINHAS:

São preconizadas pela Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar como uma formação natural de terra rodeada por água e que está acima dessa durante a maré alta (BRASIL, 1995).

IMPACTO AMBIENTAL:

É a introdução de matéria ou energia em um determinado ambiente, causada por atividades humanas, alterando suas propriedades físicas, químicas, biológicas ou econômicas e sociais preexistentes, que direta ou indiretamente venham a afetar a saúde, a segurança e o bem-estar das populações, as atividades sociais e econômicas, a biota, as condições estéticas e sanitárias do ambiente e a qualidade dos recursos ambientais.

IMPACTO AMBIENTAL REGIONAL:

Todo e qualquer impacto ambiental que afete diretamente (área de influência direta de um projeto), no todo ou em parte, o território de dois ou mais Estados (Resolução CONAMA 237/97).

INCLINAÇÃO MAGNÉTICA:

Ângulo que uma agulha magnética faz com o plano do horizonte.

INCLINAÇÃO:

Ângulo formado por uma camada, dique ou fratura com o plano do horizonte, tomado perpendicularmente à sua interseção. As camadas horizontais apresentam inclinação de 0° e as verticais de 90°. A perpendicular à linha de inclinação chama-se direção da camada. I é dado em %. O cálculo da inclinação de uma superfície ou linha é feito dividindo a diferença de altura (também chamada de "desnível" ou "elevação") pela distância horizontal percorrida. Isso é expresso pela fórmula:

$$\text{Inclinação} = \frac{\text{Desnível}}{\text{Distância horizontal}}$$

INDICADOR:

São variáveis perfeitamente identificáveis, utilizadas para caracterizar (quantificar ou qualificar) os objetivos, metas ou resultados (ARRUDA et alii, 2001).

INDICADORES AMBIENTAIS:

1. Conjunto de espécies, substâncias e grandezas físicas do ambiente, capazes de detectar alterações no ar, água e solo, na medida em que apresentam sensibilidade a essas alterações.
2. Espécies indicadoras são certas espécies que têm exigências

biológicas bem definidas e permitem conhecer os meios possuidores de características especiais (DAJOZ, 1973).

INDICADORES DO SOLO:

Plantas que, pelo fato de brotarem primordial ou exclusivamente em determinados solos, revelam suas propriedades. É o caso da soja, que indica que o solo onde ocorre é rico em nitrogênio.

INSOLAÇÃO:

É a quantidade de radiação solar que atinge uma determinada área da superfície terrestre durante um período específico. Ela depende da posição do sol no céu, das condições atmosféricas (como nuvens e poluição) e da inclinação da superfície em relação aos raios solares.

INUNDAÇÃO:

É o efeito de fenômenos meteorológicos, tais como chuvas, ciclones e degelos, que causam acumulações temporais de água, em terrenos que se caracterizam por deficiência de drenagem, o que impede o desaguamento acelerado desses volumes (SAHOP, 1978).

INVENTÁRIO BOTÂNICO:

Atividade que compreende a descrição de um repertório vegetal em um jardim e plantação com descrições da qualidade do povoamento, suas quantidades e localização no sítio.

INVENTÁRIO FLORESTAL:

Atividade que compreende a descrição de uma população florestal previamente definida. O caráter de posse, estimativas que demonstram qualitativa e quantitativamente o povoamento (Portaria Normativa IBDF 302/84).

IRRIGAÇÃO:

Aplicação racional de águas para as plantas. Ato de regar.

ISÓBATA:

Linha que une pontos de igual profundidade. Curva de nível dos sistemas de indicação das profundidades de rios e mares.

J

JARDIM:

Espaços cuidadosamente planejados que abrigam vegetação e outros elementos paisagísticos, podendo variar em estilo, desde o formal ao orgânico.

JARDIM BOTÂNICO:

Espaço dedicado ao cultivo e exposição de uma ampla variedade de plantas, muitas vezes com finalidades educativas e de conservação.

JARDIM DE CHUVA:

Espaços paisagísticos destinados à captação e absorção da água da chuva, reduzindo o escoamento superficial e promovendo a infiltração no solo.

JARDIM ECLÉTICO:

Jardim que combina diferentes estilos e elementos paisagísticos, sem aderir a um único modelo.

JARDIM FORMAL:

Jardim caracterizado por simetria, geometria rigorosa e ordem, comumente encontrado em palácios e propriedades históricas.

JARDIM GEOMÉTRICO:

Jardim com design baseado em formas geométricas claras, como círculos, quadrados e retângulos.

JARDIM HISTÓRICO:

1. Jardim que preserva características históricas e arquitetônicas, muitas vezes associado a patrimônios culturais.
2. Jardim que mantém sua forma e design originais, representando um período histórico específico.

JARDIM INSTITUCIONAL: Jardim associado a instituições, como escolas, hospitais ou empresas, geralmente com um propósito específico.

JARDIM MEDICINAL:

Jardim dedicado ao cultivo de plantas com propriedades medicinais e curativas.

JARDIM ORGÂNICO:

Jardim onde se pratica a agricultura orgânica, sem o uso de produtos químicos sintéticos.

JARDIM PALACIANO:

Jardim especializado em que se destaca os edifícios e os palácios dos quais integram, especialidade de Roberto Burle Marx.

JARDIM RESIDENCIAL:

Jardim projetado para complementar e embelezar uma residência particular.

JARDIM SENSORIAL:

Jardim projetado para estimular os sentidos, utilizando plantas com diferentes texturas, cores, fragrâncias e sons.

JARDIM UTILITÁRIO:

Jardim projetado principalmente para funções práticas, como cultivo de alimentos ou ervas.

JARDIM XERÓFITO:

Espaços projetados para resistir a condições de aridez, utilizando plantas adaptadas à escassez de água, refletindo a necessidade de sustentabilidade.

JARDIM ZOOOLÓGICO:

Espaço onde animais são mantidos em cativeiro para exibição ao público, geralmente com enfoque educacional e de conservação.

JARDINEIRA:

Recipientes fixados em paredes ou muros, otimizando o uso do espaço vertical para o cultivo de plantas.

JUSANTE:

Refere-se à parte de um rio situada da desembocadura até o limite alcançado pelas marés, onde as águas costumam ser salobras e compõem o sistema de jusante. O termo também descreve a direção da corrente rio abaixo, sendo aplicado a áreas ou pontos situados mais baixos em relação a um ponto de referência, considerando-se o fluxo da água em direção à foz. Esse conceito é utilizado tanto para descrever características fluviais quanto para explicar a posição de regiões no relevo em relação ao curso da água.

L

LABIRINTO:

Caminhos projetados para desafiar e entreter, utilizando vegetação para criar percursos intrincados, adicionando um elemento lúdico ao paisagismo.

LAGO:

Corpo de água, natural ou artificial, que excede o tamanho de uma poça, contribuindo para a biodiversidade e o equilíbrio ecológico.

LAGO DISTRÓFICO:

Lago de águas pardas, húmicos e pantanosos. Apresentam alta concentração de ácido húmico e é frequente a aparição de turfa nas margens" (Diccionario de la Naturaleza, 1987)

LAGO EUTRÓFICO:

Lago ou represamento contendo água rica em nutrientes, surgindo como consequência desse fato um crescimento excessivo de algas" (ACIESP, 1980).

LAGO OLIGOTRÓFICO:

Lago ou represamento pobre em nutrientes, caracterizado por baixa quantidade de algas planctônicas" (ACIESP, 1980).

LAGOA:

É depressão de formas variadas – principalmente tendendo a circulares de profundidades pequenas e cheia de água doce ou salgada.

LAGOA AERADA:

Lagoa de tratamento de água residuária artificial ou natural, em que a aeração mecânica ou por ar difuso é usada para suprir a maior parte de oxigênio necessário" (ABNT, 1973).

LAGOA AERÓBIA:

Lagoa de oxidação em que o processo biológico de tratamento é predominantemente aeróbio. Estas lagoas têm sua atividade baseada na simbiose entre algas e bactérias.

LAGOA ANAERÓBIA:

Lagoa de oxidação em que o processo biológico é predominantemente anaeróbio. Nestas lagoas, a estabilização não conta com o curso do oxigênio dissolvido, de maneira que os organismos existentes têm de remover o oxigênio dos

compostos das águas residuárias, a fim de retirar a energia para sobreviverem.

LAGUNA:

Massa de água pouco profunda, ligada ao mar por um canal pequeno e raso contendo água salobra ou salgada, localizada na borda litorânea

LÂMINA DE ÁGUA:

Quantidade de água expressa na forma de altura (m). O mesmo que altura de água ou nível de água.

LANÇAMENTO DE EFLUENTES LÍQUIDOS:

Ação que deposita na natureza dejetos líquidos, decorrentes principalmente de processos, tais como os esgotos.

LAPA:

Termo que pode se referir a uma formação rochosa natural, usada como abrigo ou elemento paisagístico.

LARGO:

Espaço urbano aberto, geralmente uma praça ou área de encontro.

LEGISLAÇÃO AMBIENTAL:

Conjunto de regulamentos jurídicos especificamente dirigidos às atividades que afetam a qualidade do meio ambiente (Shane apud Interim Mekong Committee, 1982).

LENÇOL FREÁTICO OU DE ÁGUA:

Superfície superior da água subterrânea ou da zona de saturação que se encontra em pressão normal e que se formou em profundidade relativamente pequena.

LENHOSA:

Característica exclusiva das árvores formação de eixo de fibras paralelas.

LICENÇA AMBIENTAL:

Certificado expedido pela autoridade ambiental de que um empreendimento ou atividade está em condições favoráveis à proteção ambiental e tem sua vigência subordinada ao estrito cumprimento das condições de sua expedição.

LICENÇA DE INSTALAÇÃO:

Expedida com base no projeto executivo final. Autoriza o início da implantação do equipamento ou atividade poluidora, subordinando-se a condições de construção, operação e outras expressamente no Projeto Executivo aprovado.

LICENÇA DE OPERAÇÃO:

Autoriza a operação de equipamento ou de atividade poluidora subordinando sua continuidade ao cumprimento das condições de concessão da Licença de Instalação (LI) e da Licença de operação (LO).

LICENÇA PRÉVIA:

Expedita na fase inicial do planejamento da atividade. Fundamentada em informações formalmente prestadas pelo interessado, especifica as condições básicas a serem atendidas durante a instalação e funcionamento do equipamento ou atividade poluidora. Sua concessão implica compromisso da entidade poluidora de manter o projeto final compatível com as condições do deferimento (Del. CECA n° 03, de 28.12.77).

2) Na fase preliminar do planejamento da atividade, contendo requisitos básicos a serem atendidos nas fases de localização, instalação e operação, observados os planos municipais, estaduais ou federais de uso do solo (Decreto n° 88.351, de 1.06.83).

LICENCIAMENTO AMBIENTAL:

Instrumento de política ambiental instituído em âmbito nacional pela Lei n° 6.938, de 31.08.81, e regulamentado pelo Decreto n° 88.351, de 1.06.83, que consiste em um processo

destinado a condicionar a construção, a instalação, o funcionamento e a ampliação de estabelecimento de atividades poluidoras ou que utilizem recursos ambientais ao prévio licenciamento, por autoridade ambiental competente. A legislação prevê a expedição de três licenças ambientais, todas obrigatórias, independentes de outras licenças e autorizações exigíveis pelo Poder Público: Licença Prévia (LP), Licença de Instalação (LI) e Licença de Operação (LO) (art. 20 do referido decreto). FEEMA - Dicionário Básico do Meio Ambiente.

LINGUAGEM CAPACITISTA:

Tipo de comunicação verbal com significados equivocados ou pejorativos em relação à pessoa com deficiência (PCD). Exemplos: portador de deficiência, pessoa com necessidades especiais (PNE), não enxerguei esse problema, normal (como antônimo de deficiente), autista (como adjetivo) etc.

LINHA DA COSTA:

1. é a zona compreendida entre o nível da maré baixa e da ação das ondas da maré alta. Pode ser dividida em “foreshore” e “backshore”. 2. é onde termina a tipologia ecossistêmica marinha e vai até o recuo máximo, depois do limite da baixamar. Ela inclui parte dos ecossistemas depois da preamar e toda a área vegetada, mas não as praias, dunas, áreas de

escarpas, falésias, costões rochosos, restingas, manguezais, marismas, lagunas, estuários, canais ou braços de mar são tipologias ecossistêmicas específicas (em inglês shore).

LINHA DA PREAMAR MÉDIA DE 1831 PRESUMIDA:
LPM/1831- Linha demarcada em 1831. Recomenda –se que a SPU reveja e modifique seus critérios e procedimentos na localização da LPM/1831, principalmente no que se refere ao conteúdo da sua Instrução Normativa IN Nº 2, de 12 de março de 2001.

LINHA DE CONTORNO:
É definida pelo limite entre o mar e a terra e varia conforme a maré. Referência ao início da faixa da costa litorânea. Referência ao início da beira-mar ou face da praia. Coincide com a linha de preamar e o fim do estirâncio. As marés normais se limitam a essa linha, porém as marés de lua e de tempestades a ultrapassam.

LINHA DE CUMEADA:
Linha limite ou fronteira que separa bacias de drenagem adjacentes (sinônimo Divisor de Águas).

LIXIVIAÇÃO:

refere-se ao processo de transporte ou arraste de substâncias solúveis pela água, que pode ocorrer em diferentes contextos. No ambiente urbano, envolve a movimentação de substâncias contidas em resíduos sólidos urbanos devido à ação da água.

M

MACIÇO:

Agrupamentos densos de plantas, geralmente da mesma espécie, que formam blocos visuais no jardim, contribuindo para a textura e o volume do espaço.

MADEIRA:

A madeira, sendo um material natural compósito, possui fibras celulósicas alinhadas paralelamente ao longo do tronco da árvore. Essa organização influencia propriedades como a resistência à tração, flexibilidade e capacidade de absorção de água, determinando a utilização adequada da madeira em diversas aplicações de engenharia e construção.

MANANCIAL:

Qualquer corpo d'água superficial ou subterrâneo utilizado para fins humano, industrial, animal ou de irrigação.

MANGUE:

Árvore que cresce próxima a água salgada e água doce em áreas inundáveis ou próximas a elas. Ocorre nas costas abrigadas da ação direta do mar. A flora presente no manguezal compõe a floresta de mangue.

MANGUEZAL:

Manguezais são ecossistemas litorâneos situados em áreas baixas e abrigadas como baías, estuários e lagunas, influenciados pela maré. Compostos por solo lamoso e vasas recentes, abrigam flora e fauna específicas adaptadas a essas condições. Estendem-se pelo litoral tropical, próximos à foz de rios, e são cruciais para a reprodução da fauna marinha e proteção costeira contra erosão e tempestades. A conservação e o replantio dos manguezais são essenciais devido à sua importância ecológica e proteção da linha da costa (em inglês mangrove).

MARÉ NEGRA:

Termo usado pelos ecologistas para designar as grandes manchas de óleo provenientes de desastres com terminais de óleo e navios petroleiros, e que, por vezes, poluem grandes extensões da superfície dos oceanos (Carvalho, 1981).

MARÉ VERMELHA:

É a proliferação ou "bloom" de um tipo de plâncton com cor avermelhada, que causa mortandade de peixes. É um fenômeno natural, muitas vezes auxiliado pela presença de fósforo dos detergentes" (Braille, 1992).

MARÉ:

As marés são o movimento periódico de elevação (preamar) e abaixamento (baixa-mar) das águas do mar, ocorrendo duas vezes ao dia devido à ação gravitacional da Lua e do Sol sobre a Terra. Esse fenômeno tem implicações geomorfológicas significativas, influenciando o modelado litorâneo, especialmente em locais onde as marés são mais acentuadas, intensificando a ação das ondas sobre o litoral.

MATA CILIAR:

Mata que cresce naturalmente nas margens de rios ou córregos ou foi reposta, parcial ou totalmente, pelo homem. Sua função de proteção aos rios é comparada aos cílios que protegem os olhos, daí seu nome.

MEANDRO:

Sinuosidade do curso de um rio, constituída por duas curvaturas consecutivas, onde o escoamento se dá no sentido

dos ponteiros do relógio em uma e em sentido contrário na outra. (CID)

MEIO AMBIENTE:

Conjunto dos fatores físicos, químicos, biológicos onde vive o homem (com os fatores econômicos, sociais e culturais) e tudo o mais que envolve um organismo: meio ambiente construído - áreas construídas e consideradas como o meio ambiente no qual os seres humanos vivem; meio ambiente e desenvolvimento - a relação de harmonia que deve existir entre o meio ambiente protegido e sadio e um processo de desenvolvimento ecologicamente equilibrado e voltado para o bem-estar social; proteção ao meio ambiente (proteção ambiental) - ação de proteção ao meio ambiente através da regulamentação das descargas de lixo, da emissão de poluentes e de outras atividades humanas. (Brigadão, 1992, p. 157).

MODOS DE PLANTIO:

São os modos de plantação da vegetação: em linha, em grupo, maciços, isoladas.

MOLHE:

Contenções perpendiculares à linha da praia que entram no mar (em inglês jetties).

MOLHES:

Conjunto de contenções perpendiculares a linha da praia dispostas a cada 150 metros aproximadamente (em inglês groins).

MOLHE DE TETRAPÓDES EM CONCRETO:

Molhes formados por peças de concreto pré-moldado na forma de tetrápodes que se encaixam e se estruturam por causa da sua forma (em inglês giant concrete bagel sculpture).

MONTANTE:

Diz-se do lugar situado acima de outro, tomando-se em consideração a corrente fluvial que passa na região. O relevo de montante é, por conseguinte, aquele que está mais próximo das cabeceiras de um curso d'água, enquanto o de jusante está mais próximo da foz (Guerra, 1978).

N

NASCENTE:

Ponto no solo ou numa rocha de onde a água flui naturalmente para a superfície do terreno ou para uma massa de água.

NÍVEL DE REDUÇÃO (NR):

Plano de referência ao qual todas as profundidades cartografadas estão relacionadas. É definido, segundo a Organização Hidrográfica Internacional, como "um plano tão baixo que a maré, em condições normais, não fique abaixo dele".

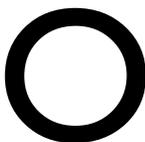
NÍVEL DO MAR:

Referência da altitude do mar em determinado litoral, medido no Brasil pela Marinha há 200 anos nos principais portos do país.

NÍVEL MÉDIO DO MAR (NMM):

É uma medida de referência usada para determinar a altura média das águas do mar em um determinado ponto ao longo

de um período prolongado, geralmente de vários anos. Ele serve como base para medições altimétricas em estudos geodésicos, cartográficos e topográficos, sendo fundamental para a determinação de elevações terrestres e monitoramento de mudanças no nível do mar.



OFFSHORE:

É toda a zona que se estende da linha de arrebentação em direção às águas mais profundas no oceano.

OLHO D'ÁGUA:

Local onde se verifica o aparecimento de água por afloramento do lençol freático e onde se verifica o aparecimento de uma fonte ou mina d'água.

OLHOS DA RUA:

Aberturas e comunicações dos edifícios e muros para com as ruas que oferecem a sensação de segurança e vigilância, que muitas cidades com condomínios não oferecem tornando o trajeto inseguro e monótono (Jane JACOBS).

ONDA DE CHEIA:

É o aumento do nível de um rio seguido por sua descida, causado por chuvas intensas, derretimento de neve, rompimento de barragens ou liberação de água por usinas.

Esse fenômeno inclui uma fase de enchente, quando o rio sobe, e uma fase de vazante, quando o nível baixa.

ON-SHORE: É toda a zona que se estende da linha de arrebentação em direção a terra firme.

ORLA:

É uma faixa situada entre a linha da costa onde termina a tipologia ecossistêmica e vai até o recuo máximo, depois do limite da baixa-mar. Ela inclui parte dos ecossistemas depois da preamar e toda a área vegetada, mas não as praias, dunas, áreas de escarpas, falésias, costões rochosos, restingas, manguezais, marismas, lagunas, estuários, canais ou braços de mar são tipologias ecossistêmicas específicas. A faixa da orla considerada APP se localiza entre os 200 metros depois da preamar em áreas não urbanizadas ou depois dos 50 metros em áreas urbanizadas e a isóbata de 10 metros, ou seja, quando o nível do mar atinge 10 metros de profundidade (BRASIL, 2002a).

OUTORGA DE DIREITO DE USO DOS RECURSOS HÍDRICOS (ou de Águas):

Ato administrativo (concessão ou autorização) do poder público que permite a utilização de recursos hídricos. Tem o objetivo de assegurar o controle quantitativo e qualitativo dos

usos de água e o efetivo exercício dos direitos de acesso à água pelos usuários.

OUTORGANTE DE USO DE ÁGUA:

Entidade ou órgão público com as funções, dadas pela legislação, de apreciar as solicitações e dar autorização ou concessão para utilização dos recursos hídricos.

P

PAÇO:

Termo histórico para palácio ou residência oficial de uma autoridade.

PADRÃO AMBIENTAL:

Os padrões ambientais, definidos pela legislação e autoridades, especificam o nível de qualidade exigido para diferentes componentes ambientais, incluindo substâncias, produtos e serviços, visando um propósito específico. Esses padrões quantitativos e qualitativos regulam as medidas de quantidade, peso, extensão ou valor, sendo cruciais na gestão ambiental. Abrangem tanto a qualidade ambiental quanto a emissão de poluentes, garantindo a proteção e a conservação do meio ambiente, como exemplificado na DZ 302, que trata dos usos benéficos da água e conceitos gerais.

PADRÃO:

Em um contexto restrito, refere-se ao nível ou grau de qualidade de um elemento, adequado a um propósito

específico. São definidos por autoridades como regras para quantificar medidas de quantidade, peso, extensão ou valor.

PADRÕES DA QUALIDADE DA ÁGUA:

O plano para o controle da qualidade da água inclui quatro elementos-chave: os usos da água (como recreação, abastecimento, preservação da vida aquática e selvagem, uso industrial e agrícola); critérios de proteção para esses usos; planos de tratamento para melhorar sistemas de esgoto urbanos e industriais; e legislação antipoluição para preservar a qualidade da água existente. Adicionalmente, envolve um conjunto de parâmetros com limites específicos, usados para avaliar a qualidade da água em relação a um propósito determinado.

PADRÕES DE BALNEABILIDADE:

Condições limitantes estabelecidas para a qualidade das águas doces, salobras e salinas destinadas à recreação de contato primário (banho público).

PADRÕES DE EFLUENTES (líquido):

Padrões a serem obedecidos pelos lançamentos diretos e indiretos de efluentes líquidos, provenientes de atividades

poluidoras, em águas interiores ou costeiras, superficiais ou subterrâneas (PRONOL/FEEMA NT 202).

PADRÕES DE EMISSÃO:

Maior quantidade de um determinado poluente que pode ser legalmente lançado de uma única fonte ao ar. No Brasil, os padrões de emissão são estabelecidos pelo Ibama ou pelos Órgãos Estaduais de Controle.

PADRÕES DE POTABILIDADE:

São as quantidades limites que, com relação aos diversos elementos, podem ser tolerados nas águas de abastecimento, quantidades essas fixadas, em geral, por leis, decretos ou regulamentos regionais (ABNT, 1973). Os padrões de potabilidade foram estabelecidos pela Portaria nº 56/Bsb de 14.03.77, baixada pelo Ministério da Saúde, em cumprimento ao Decreto nº 78367 de 09.03.77.

PADRÕES DE QUALIDADE AMBIENTAL:

Condições limitantes da qualidade ambiental, muitas vezes expressas em termos numéricos, usualmente estabelecidos por lei e sob jurisdição específica, para a proteção da saúde e do bem-estar dos homens (MUNN, 1979).

PADRÕES DE QUALIDADE DO AR:

1. Os níveis de poluente prescritos para o ar exterior, que por lei não podem ser excedidos em um termo e uma área geográfica determinados (The World Bank, 1978). 2. É o limite do nível de poluentes do ar atmosférico que legalmente não pode ser excedido, durante um tempo específico, em uma área geográfica específica (BRAILE, 1983). 3. Limites de concentrações de poluentes atmosféricos que, ultrapassados, poderão afetar a saúde, a segurança ao bem-estar da população, bem como ocasionar danos à flora e à fauna, aos materiais e ao meio ambiente em geral (Resolução CONAMA 003/90).

PAGODE:

Estruturas tipicamente encontradas em jardins asiáticos, com múltiplos telhados em camadas, simbolizando a harmonia entre arquitetura e natureza.

PAISAGEM CULTURAL:

Um mosaico composto de ecossistemas interativos resultado da influência de interações geológicas, topográficas, edáficas (solo), climáticas, bióticas e humanas.

PAISAGEM NATURAL:

Um mosaico composto de ecossistemas interativos resultado da influência de interações geológicas, topográficas, edáficas (solo), climáticas, bióticas e irreprodutíveis pelos seres humanos. Alguns estudiosos defendem que não há mais paisagem natural.

PAISAGEM:

Representa um estado de transformação espacial, mutável e em constante atividade, que é caracterizável pelo conjunto sistêmico e interativo de elementos geofísicos, fauno-florísticos, sociais e artefatos.

PAISAGISMO:

Movimento transformador da paisagem com característica ou conjunto de ideias que define uma forma de pensamento ou prática associada a um grupo ou conceito.

PANTANAL.:

O Pantanal, unidade geomorfológica localizada entre Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, abrange 388.995 km² e é caracterizado por uma vasta planície de sedimentos holocênicos, com blocos falhados. A região, situada a uma altitude de 100 a 200 metros, possui uma rica vegetação

adaptada às condições ecológicas variadas, influenciada pelas enchentes dos rios da bacia do Rio Paraguai de outubro a março, que inundam extensas áreas, alternando com períodos secos de abril a setembro (CARVALHO, 1981).

PÂNTANO:

Pântano é um terreno plano e baixo, frequentemente inundado, especialmente próximo a rios ou durante a estação chuvosa, mantendo-se habitualmente encharcado. Nos estudos de vegetação, refere-se a áreas com solo permanentemente úmido, coberto por água ou com lençol freático próximo à superfície, suportando vegetação lenhosa típica de savanas, arbustos ou florestas.

PAREDÕES:

Muros de contenção ou orlas são estruturas paralelas à linha da praia, feitas geralmente de madeira, ferro, concreto ou pedra, incluindo represamentos, edificações e vias litorâneas. Essas barreiras podem provocar erosão costeira e perda gradual da praia, com os sedimentos sendo arrastados para além da estrutura de contenção. Embora possam preservar uma área interna, se a erosão não for intensa, a perda da praia pode levar ao colapso da própria estrutura (em inglês seawal).

PARKLETS:

Minijardim ou pequenos espaços verdes temporários ou permanentes instalados em áreas urbanas, como extensões de calçadas. Em geral no Brasil, ocupam vagas de estacionamento em ruas comerciais.

PARQUE:

Define grandes áreas verdes, frequentemente urbanas, com 2 hectares ou mais, dedicadas ao lazer, preservação natural e atividades ao ar livre, usualmente circundadas por uma malha viária.

PARQUE AMBIENTAL:

Área dedicada à preservação do ambiente natural e à educação ambiental.

PARQUE ECOLÓGICO:

Parque projetado com foco na sustentabilidade e conservação ambiental.

PARQUE ESTADUAL:

Área delimitada e pertencente ao poder público com o objetivo de proteger unidades representativas de um ou mais ecossistemas naturais, visando à conservação de seus recursos

genéticos, à investigação científica e possibilitando a visitação pública com fins educativos, culturais e recreativos.

PARQUE LINEAR:

Parque estreito e alongado, frequentemente localizado ao longo de rios, vias férreas ou estradas.

PARQUE METROPOLITANO:

Grande parque urbano, oferecendo diversas atividades recreativas e espaços verdes.

PARQUE NACIONAL:

Parques Nacionais são áreas geográficas extensas com atributos naturais excepcionais, destinadas à preservação permanente, inalienáveis e indisponíveis, servindo a fins científicos, culturais, educativos e recreativos. Criados e administrados pelo Governo Federal, constituem bens da União para uso comum do povo, com o dever de serem preservados intocáveis. No Brasil, há atualmente 45 Parques Nacionais. O objetivo dos PARNA é preservar ecossistemas de relevância ecológica e beleza cênica, promovendo pesquisa, educação ambiental, recreação e turismo ecológico.

PARQUE URBANO:

Área verde dentro de um ambiente urbano, fornecendo espaço para lazer e recreação.

PARQUE ZOOLOGICO:

Instituição em que se mantêm em cativeiro, sob condições adequadas, animais de diferentes espécies, visando à educação, cultura e entretenimento popular, bem como ao estudo da biologia animal, buscando o conhecimento de seus costumes e necessidades com vista às diretrizes seguras para sua conservação e proteção.

PARTERRE:

Canteiros de forma geométrica que incorporam arranjos ornamentais simétricos, utilizando plantas baixas para criar padrões visuais.

PASSEIO PÚBLICO:

Caminhos destinados ao lazer e à contemplação, integrados ao espaço urbano e natural.

PASSEIO:

Caminho ou área destinada à caminhada e ao lazer.

PATAMAR:

Plataformas elevadas que se destacam no terreno, proporcionando áreas de observação e interação com a paisagem.

PÁTIO:

Área externa delimitada, caracterizada pela sua pavimentação e pela presença de elementos naturais como plantas e água, destinada a atividades sociais.

PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO:

Os bens de natureza material e imaterial, tombados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos da sociedade brasileira, nos quais se incluem os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, arqueológico, paleontológico e científico (Constituição Brasileira, 1988).

PAVILHÃO:

Estruturas abertas ou semiabertas, utilizadas para eventos ou como elementos de destaque no paisagismo, promovendo a integração entre o construído e o natural.

PECULIARIDADES AMBIENTAIS:

A expressão envolve os sistemas ambientais, alterados ou não, destacando os componentes bióticos e abióticos, seus fatores, seus processos naturais, seus atributos (qualidade, valor sociocultural), os patrimônios culturais, cênicos, da biodiversidade que se destacam pela raridade, potencialidade ou fragilidade. Envolvem também a tipologia e a qualificação dos recursos naturais (ARRUDA et alli, 2001).

PEDOLOGIA:

1. Ciência que estuda os solos. Estudo da origem e desenvolvimento dos diversos tipos de solos. 2. Ciência que estuda a composição, aspecto, formação e propriedades do solo. Relaciona-se com a geologia e a agronomia.

PEDONAL:

Circulação a pé, caminhada de peões.

PELOTIZAÇÃO:

Processo que consiste em submeter um minério a um tratamento visando aglomerá-lo, tornando operações metalúrgicas subsequentes.

PENÍNSULA:

Uma península é uma região de terra que se projeta para dentro de um corpo de água, cercada por água em todos os lados, exceto um, pelo qual está conectada a um continente. Destacam-se penínsulas importantes na Europa (Escandinava, Balcânica, Itálica, Jutlândia, Ibérica), Ásia (Indostânica, Arábica, da Coréia) e no continente americano (Labrador, Flórida, Califórnia, Yucatan). Fenômeno exclusivamente continental, não ocorre em ilhas, onde são chamadas de pontas. A península difere de uma ilha (insula) por estar ligada ao continente, e sua descontinuidade por erosão ou alagamento pode transformá-la em uma ilha.

PERCOLAÇÃO:

1. Movimento da água através de interstícios de uma substância, como através do solo (Carvalho, 1981). 2. Movimento de água através dos poros ou fissuras de um solo ou rocha, sob pressão hidrodinâmica, exceto quando o movimento ocorre através de aberturas amplas, tais como covas (ACIESP, 1980). 3. Tipo de escoamento laminar que se produz nos interstícios de um material poroso saturado sob a ação de gradientes hidráulicos moderados, dirigidos principalmente para baixo.

PERFIL DE SOLO:

Sucessão dos horizontes do solo.

PERFIL LITORÂNEO:

É delineamento da linha da costa, onde estão inseridos um conjunto de formas nas quais se faz sentir a influência marinha.

PERGOLADO:

Estrutura formada por colunas verticais que suportam vigas transversais ou treliças no topo permitindo a passagem da luz solar filtrada, definindo um espaço ao ar livre, como um terraço, passagem ou área de descanso do jardim criando uma área parcialmente sombreada e construído com materiais como madeira, metal ou outros. As plantas trepadeiras podem ser incentivadas a crescer ao redor das colunas e sobre as vigas.

PESCA:

Ato tendente a capturar ou extrair elementos animais ou vegetais que tenham na água seu normal ou mais frequente meio de vida podendo efetuar-se com fins, desportivos ou científicos (Decreto-Lei 221/67).

PESCA AMADORA:

Aquela praticada por brasileiros ou estrangeiros com a finalidade de lazer ou desporto, sem finalidade comercial (Portaria IBAMA 1.583/89).

PESCA CIENTÍFICA:

Pesca exercida unicamente com fins de pesquisas por instituições ou pessoas devidamente habilitadas para esse fim (Decreto-Lei 221/89).

PESCA COMERCIAL:

Pesca que tem por finalidade realizar atos de comércio na forma da legislação em vigor (Decreto-Lei 221/647).

PESCA DESPORTIVA:

Pesca que se pratica com linha de mão, por meio de aparelhos de mergulho ou quaisquer outros permitidos pela autoridade competente, e que em nenhuma hipótese venha a importar em atividade comercial (Decreto-Lei 221/67).

PESQUE-PAGUE:

I. Pessoa física ou jurídica que mantém estabelecimento constituído de tanques ou viveiros com peixes para exploração comercial da pesca amadora (Portaria IBAMA

136/98). 2. Parque privado destinado a recreação e exploração comercial da pesca amadora.

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA - PCD:

Pessoas com impedimentos clínicos físicos, intelectuais, sensoriais etc. conforme Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006).

PH:

1. Em química, a medida quantitativa da acidez ou basicidade (alcalinidade) de uma solução líquida. A medida da acidez ou alcalinidade de um material líquido ou sólido. É representado em uma escala de zero a 14 com o valor 7 representando o estado neutro, o valor zero o mais ácido e o valor 14 o mais alcalino (The Work Bank, 1978). 2. É o logaritmo do inverso da concentração hidrogênica e por isto motivo o índice de ácido-alcalinidade da água ou de outro líquido, ou até mesmo dos solos. As águas chamadas duras têm pH alto (maior que 7) e as brandas, baixa (menor que 7) (CARVALHO, 1981).

PIB (Produto Interno Bruto):

Soma de todas as riquezas produzidas dentro do território econômico do País, independentemente de sua origem.

PICO:

Cimo agudo de um monte.

PIEMONTE:

Forma do terreno fronteiro às montanhas, definido pela quebra de um gradiente mais forte a um gradiente mais fraco e que pode passar gradualmente à várzea ou planície de inundação. Os sedimentos formados nos piemontes constituem os depósitos de tálus e cones aluviais.

PÍER:

Um píer é uma estrutura elevada construída sobre corpos d'água, como mares, lagos ou rios, estendendo-se da terra para o ambiente aquático. Geralmente é feito de madeira, metal ou concreto, e serve a diversos propósitos, incluindo atracação de embarcações, pesca, recreação e acesso de pedestres. Píers podem ser equipados com instalações como bancos, iluminação, abrigos e, em alguns casos, estabelecimentos comerciais como restaurantes e lojas. Sua construção considera aspectos como a profundidade da água, as condições climáticas e a necessidade de resistência a forças como ondas e marés.

PIRACEMA:

Migração animal de grandes cardumes de peixes rio acima na época da desova ou com as primeiras chuvas. A subida dos cardumes de peixes até a nascente dos rios, com a finalidade de se reproduzirem.

PISCICULTURA:

Arte de criar e multiplicar peixes.

PISCINA:

Espaços contendo água destinados ao lazer e a atividades aquáticas, fundamentais em projetos paisagísticos de áreas residenciais e públicas.

PISTAS DE COOPER:

Caminhos projetados especificamente para corrida e exercícios ao ar livre.

PISTAS DE SKATE:

Áreas projetadas para a prática de skate, com rampas e outros elementos.

PLANALTO:

Refere-se a uma extensão de terrenos sedimentares elevados, caracterizados por sua superfície mais ou menos plana e

altitudes variáveis. Em geomorfologia, pode ser sinônimo de superfícies pouco acidentadas, formadas pela erosão, que resultam em grandes massas de relevo niveladas, apresentando regularidade. Contrastam com áreas adjacentes mais acidentadas, destacando-se por sua elevação em relação ao nível do mar e pela uniformidade do terreno.

PLANEJAMENTO:

Processo cognitivo de previsão de estratégias baseados no: levantamento de dados, análise dos dados, avaliação dos resultados, proposição de uma ação, negociação com os envolvidos, implementação da proposta, monitoramento e controle dos resultados de implementação.

PLANEJAMENTO DA PAISAGEM:

Ato de pensar o futuro da paisagem percebendo seus elementos constituintes e elegendo critérios para um desenvolvimento sustentável de uma região.

PLANÍCIE:

Extensão de terreno, mais ou menos considerável, de aspecto plano ou de poucos acidentes.

PLANÍCIE ALUVIAL:

1. Planície formada pela deposição de material aluvial erodido em áreas mais elevadas (DNAEE, 1976). 2. São aquelas justapostas ao fluxo fluvial, têm formas alongadas (quando de nível de base local) e são produzidas pelos depósitos deixados pelos rios (GUERRA, 1978).

PLANÍCIE FLUVIAL:

Zona plana nas bacias dos cursos de água, próxima dos respectivos leitos.

PLANÍCIE DE INUNDAÇÃO:

Terras planas, próximas ao fundo do vale de um rio, inundadas quando o escoamento do curso d'água excede a capacidade normal do canal (DNAEE, 1976).

PLANO BÁSICO:

Diversos tipos de planos usados no planejamento urbano e paisagístico (pranchas de projeto paisagístico).

PLANO CADASTRAL:

Representação gráfica, conforme as normas técnicas de projeto paisagístico, que apresenta todos os dados e detalhes construtivos dos elementos materiais, fixos ou móveis, que precisam ser edificados no espaço livre antes do processo de

plantio das espécies vegetais. Focaliza a construção e pode ou não apresentar o fantasma da vegetação. Destina-se aos construtores de todas as obras civis do espaço livre projetado (Documento fundamental do projeto paisagístico).

PLANO DA PAISAGEM:

O plano da paisagem é o instrumento fundador dos Planos Diretores e das Leis de Uso e Ocupação do Solo (PRADO, 2013). Formado do conjunto de levantamentos e diagnósticos sobre os usos e a ocupação do solo, considerando as análises e avaliações dos riscos destas utilizações, os conflitos ecossistêmicos, culturais e urbanísticos e as potencialidades de desenvolvimento humano.

PLANO DE GESTÃO:

Conjunto de ações pactuadas entre os atores sociais interessados na conservação e/ou preservação ambiental de uma determinada área, constituindo projetos setoriais e integrados contendo as medidas necessárias à gestão do território (ARRUDA et alli, 2001).

PLANO DE MANEJO:

Documento técnico que define o zoneamento e as normas para o uso e manejo de recursos naturais em uma unidade de

conservação, baseando-se em seus objetivos gerais e incluindo a implantação de estruturas físicas para sua gestão. É um projeto dinâmico que aplica técnicas de planejamento ecológico para determinar o zoneamento de um Parque Nacional, caracterizando suas zonas e orientando seu desenvolvimento físico conforme suas finalidades.

PLANO DE MANEJO FLORESTAL:

O plano de manejo florestal e os planos operacionais anuais são documentos técnicos que seguem a legislação ambiental, orientando o uso sustentável das florestas. O plano de manejo define o ordenamento das atividades florestais na unidade de manejo de forma geral, enquanto o plano operacional anual detalha as atividades específicas a serem realizadas naquele ano.

PLANO DE MASSAS:

Representação gráfica técnica, artística e humanizada do projeto paisagístico, indicando a vista superior de um espaço livre, demonstrando os diversos níveis por meio do sistema desenho em cores e com sombreamentos. Focaliza o nível do chão e seus revestimentos, os tanques e piscinas, as coberturas e telhados, as coberturas vegetais (copas das árvores). Pranchas de Plano de Massas devem ser acompanhadas de

Vistas, Perspectivas e Orçamento Preliminar. Destina-se à contratação do projeto e que pode ser apresentado a autoridades, construtores, técnicos, compradores do projeto ou das construções comercializadas em planta (Documento fundamental do projeto paisagístico).

PLANO DE PLANTIO:

Representação gráfica, conforme as normas técnicas de projeto paisagístico, que apresenta todos os dados e detalhes do plantio da vegetação que compõem o projeto paisagístico. Focaliza a vegetação e sua locação, e o desenho apresenta o fantasma construção (obras civis). Destina-se aos plantadores da vegetação especificada para os locais indicados do espaço livre projetado. Consta no desenho: o norte magnético, a Referência Nominal, as cotagens de locação dos pontos de plantio (onde serão cavadas as valas para plantio) (Documento fundamental do projeto paisagístico).

PLANO DE PROTEÇÃO AO SOLO E DE COMBATE À EROSÃO:

Conjunto de medidas que visa a promover a racionalização do uso do solo e o emprego de tecnologia adequada, objetivando a recuperação de sua capacidade produtiva e a sua preservação (Decreto 77.775/76).

PLANO DE RECUPERAÇÃO DE ÁREA DEGRADADA:

Operações que têm por objetivo o retorno do sítio degradado a uma forma de utilização, de acordo com um plano pré-estabelecido para o uso do solo, visando a obtenção de uma estabilidade do meio ambiente (Decreto 97.632/89).

PLANOS DIRETORES AMBIENTAIS:

Conjunto de diretrizes, etapas de realização, restrições e permissões, idealizados com base em diagnósticos prévios, para disciplinar o desenvolvimento de projetos e atividades em uma determinada área, com vista ao alcance de objetivos e metas de recuperação e conservação ambiental.

PLANTA ANUAL:

Espécies de vegetal terófito que germina, floresce e morre em ciclo de vida ciclo biológico curto ou inferior a dois anos (exemplo: *Portulaca grandiflora* - onze-horas).

PLANTA AUTÓCTONE:

Espécies vegetais nativas de uma determinada região ou ecossistema.

PLANTA BIANUAL:

Espécie vegetal que completa seu ciclo biológico desde a germinação até a produção de sementes, em 24 meses.

PLANTA CADUCIFÓLIA:

Espécie vegetal arbórea ou arbustiva que perde as folhas durante um período do ciclo anual. No outono as folhas caem e nascem outras na primavera (exemplo: *Tabebuia heptaphylla* – ipê roxo).

PLANTA DE MEIA SOMBRA:

Espécie vegetal arbórea, arbustiva ou forração que se adapta bem em espaços com insolação direta. No máximo 3 horas de insolação amenizada de manhã e/ou a tarde. Suas folhas são verde e precisam de humidade no solo e luz filtrada, podendo tolerar climas quentes (flora típica das clareiras das florestas).

PLANTA DE SOL PLENO:

Espécie vegetal arbórea, arbustiva ou forração que se adapta bem espaços com insolação direta, podendo ficar em exposição a insolação direta durante todo o dia. Suas folhas são mais resistentes ao calor e luz direta e podem ser plantadas em solo arenoso e pedregoso (flora típica de caatinga, cerrado e deserto).

PLANTA DE SOMBRA:

Espécie vegetal arbórea, arbustiva ou forração que não se adapta bem espaços com insolação direta. No máximo 3 horas de insolação amenizada bem cedo ou bem de tarde. Suas folhas são mais verde-escuras e precisam de mais humidade no solo e luz filtrada (flora típica das partes internas da floresta).

PLANTA ESSENCIAL:

Espécie vegetal arbórea, arbustiva ou forração que tem importância por sua essência (óleos essenciais, por exemplo).

PLANTA EXÓTICA:

Planta cuja origem não autóctone ou nativa. Que não pertence a determinada região ou ecossistema.

PLANTA FLORÍFERA:

Espécie vegetal arbórea, arbustiva ou forração que tem importância ornamental por sua floração ou exuberância de suas brácteas (*Bougainvilleae glabra* - bougainville, por exemplo).

PLANTA FRUTÍFERA:

Espécie vegetal arbórea, arbustiva ou forração que tem importância por sua frutificação ou exuberância de suas sementes (preferência por espécies nativas em risco de extinção, por exemplo).

PLANTA INVASORA EXÓTICA:

Planta de espécie exótica invasora, que sem inimigos naturais, coloniza um novo ambiente rapidamente com sua população, eliminando as espécies nativas que competem com ela pelos mesmos recursos nesse ambiente (TABARELLI; MELO; PERES, 2011)

PLANTA INVASORA:

Planta com capacidade de colonizar espontaneamente novos ambientes através de seus mecanismos de regeneração natural.

PLANTA NATIVA:

São aquelas de determinado local. A planta nativa desempenha um papel fundamental na manutenção da biodiversidade, oferecendo abrigo e alimento para a fauna local e contribuindo para a saúde do ecossistema.

PLANTA ORNAMENTAL:

Espécie vegetal arbórea, arbustiva ou forração que tem importância por sua qualidade ou exuberância estética para o paisagismo.

PLANTA PERENE:

Espécies de vegetal que tem ciclo de vida longo superior a dois anos e suas folhas não caem (exemplo: *Allamanda blanchetii* – alamanda-roxa).

PLANTA PERENIFÓLIA:

Espécies de vegetal que suas folhas não caem (exemplo: *Ficus amazonica*– ficus).

PLANTA TRANSGÊNICA:

Planta cujo ADN hereditário foi transformado por meio da adição de ADN de uma fonte diferente do germoplasma paternal, com o uso de técnicas de ADN recombinante.

PLANTAÇÃO FLORESTAL:

Áreas com cobertura arbórea que carece da maior parte das principais características e elementos-chaves de ecossistemas naturais conforme definições dos padrões nacionais e regionais de manejo florestal aprovados pelo FSC. Estas áreas são resultantes de atividade humanas tanto de plantio, semeadura ou tratamento silviculturais intensos.

PLANTAS ENDÊMICAS:

São aquelas que ocorrem exclusivamente em uma determinada região geográfica e não são encontradas de forma natural em nenhum outro lugar.

PLANTAS EXÓTICAS:

São aquelas que não são nativas de uma determinada região, mas foram introduzidas, intencionalmente ou acidentalmente, de outros lugares, geralmente por ação humana.

PLANTAS EXÓTICAS INVASORAS:

São espécies que foram introduzidas em uma região fora de sua área de ocorrência natural e que se espalham rapidamente, causando impactos negativos ao ambiente, à biodiversidade e até a economia local. Essas plantas competem com as espécies nativas por recursos como água, luz e nutrientes, muitas vezes suprimindo ou substituindo a vegetação local. Por não possuírem predadores naturais ou fatores de controle em seu novo habitat, elas se proliferam de forma descontrolada, alterando ecossistemas e causando prejuízos ambientais, como a perda de biodiversidade e a degradação de solos e cursos d'água.

PLANTATION:

Propriedade de grande extensão onde é executada monocultura voltada à exportação, utilizando-se de mão de obra barata.

PLATAFORMA CONTINENTAL DO BRASIL:

Leito e o subsolo das áreas submarinas que se estendem do seu mar territorial, em toda a extensão do prolongamento natural de seu território terrestre, até o bordo exterior da margem continental, ou até uma distância de duzentas milhas marítimas das linhas de base, a partir das quais se mede a largura do mar territorial, nos casos em que o bordo exterior da margem continental será fixado de conformidade com os critérios estabelecidos no art. 76 da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, celebrada em Montego Bay, em 10 de dezembro de 1982 (Lei 8.617/93).

PLATAFORMA DE ABRASÃO:

Diz-se da zona costeira ou zona do litoral [...] onde o mar realiza o seu trabalho de erosão, isto é, depósito e desgaste.

PLAYGROUND:

Área projetada para recreação infantil, com construções de brinquedos e equipamentos de jogo.

PLEBISCITO:

Tipo de consulta à população sobre um determinado assunto.

PLUVIAL:

Relativo à chuva. Proveniente da chuva.

PLUVIÓGRAFO:

Instrumento que contém um dispositivo para registrar continuamente as alturas de chuvas durante um período (DNAEE, 1976).

PLUVIOMETRIA:

Ciência que estuda a quantidade de chuva.

PLUVIÔMETRO:

Aparelho que mede a quantidade de chuva, expressa em milímetros de altura.

PNB – PRODUTO NACIONAL BRUTO *PER CAPITA*:

1. Soma de todas as riquezas produzidas num país no período de 01 ano dividida pela população total. 2. Valor total de mercado dos bens e serviços produzidos pela economia de um país, em geral durante um ano, computado antes que se desconte a depreciação do capital usado no processo de produção. Usado como indicador do nível econômico do país.

É a soma dos valores monetários líquidos, calculados a preços do mercado, dos bens e serviços produzidos em uma sociedade, durante determinado tempo, geralmente um ano (SAHOP, 1978).

POCKET PARK:

Pequenos espaços projetados para oferecer locais de lazer e contato com a natureza, com vegetação em áreas densamente construídas, integrados ao tecido urbano.

PODA:

Corte dos ramos, folhagens da vegetação arbórea, arbustiva ou forração. Serve para limpeza urbana, proteção de redes elétrica, telefônica e de televisão, além de ser uma técnica em jardinagem e agricultura para estimular a ramificação das plantas ao eliminar as gemas apicais, promovendo o crescimento das gemas laterais.

POLUENTE:

Partícula que contamina o ar. Sinônimo de contaminante. Detrito sólido, líquido ou gasoso nocivo à saúde, de origem natural ou industrializados, que são lançados no ar, na água ou no solo.

POLUENTE ATMOSFÉRICO:

Qualquer forma de matéria ou energia com intensidade e em quantidade, concentração, tempo ou características em desacordo com os níveis estabelecidos, e que tomem ou possam tornar o ar impróprio, nocivo ou ofensivo à saúde; inconveniente ao bem-estar público; danoso aos materiais, à fauna e à flora; prejudicial à segurança, ao uso e gozo da propriedade e às atividades normais da comunidade (Portaria Normativa IBDF 348/90 e Resolução CONAMA 003/90).

POLUENTE BIODEGRADÁVEL:

São em geral refugos de natureza orgânica, como o esgoto sanitário, que se decompõem com rapidez por meio de processos naturais ou controlados, estabilizando-se por fim (CARVALHO, 1981).'

POLUENTE NÃO-BIODEGRADÁVEL:

São os metais pesados, como o cobre, os sais de mercúrio, substâncias químicas fenólicas, entre outros, e que comumente produzem magnificação biológica (CARVALHO, 1981).

POLUENTES QUALITATIVOS:

São substâncias sintéticas produzidas e liberadas exclusivamente pelo homem (EHRlich & EHRlich, 1974).

POLUENTES QUANTITATIVOS:

Trata-se de substâncias que estão presentes de forma natural no ambiente, mas que são liberadas pelo homem em quantidades adicionais significativas (EHRlich & EHRlich, 1974).

POLUIÇÃO:

Definida como qualquer interferência que prejudique os usos estabelecidos de águas, ar e solo, ou qualquer alteração das propriedades físicas, químicas ou biológicas do meio ambiente causada por atividades humanas. Essas atividades podem afetar direta ou indiretamente a saúde, segurança e bem-estar da população, impactar negativamente atividades sociais e econômicas, a biota, além de prejudicar as condições estéticas e sanitárias do ambiente e a qualidade dos recursos ambientais. A degradação ambiental envolve também a emissão de substâncias ou energia que violem os padrões ambientais estabelecidos.

POLUIÇÃO AMBIENTAL:

Refere-se a qualquer alteração ambiental prejudicial aos seres vivos, incluindo poluição atmosférica (fumaça e vapor industriais, escapamentos de veículos), poluição sonora (barulho de máquinas, veículos, rádios e TVs altas) e poluição

visual (excesso de publicidade urbana). Engloba a adição ao meio ambiente, por fontes naturais ou humanas, de substâncias ou energia que tornam recursos como ar, água ou solo impróprios para uso. Causa degradação ambiental afetando a saúde, segurança, bem-estar da população, atividades socioeconômicas, biota, e estética ou condições sanitárias, introduzindo substâncias ou energia que prejudicam a saúde humana, recursos bióticos e ecossistemas.

POLUIÇÃO DA ÁGUA:

É o lançamento nas águas dos mares, dos rios, dos lagos e demais corpos d'água, superficiais ou subterrâneos, de substâncias químicas, físicas ou biológicas que afetem diretamente as características naturais das águas e a vida ou que venham a lhes causar efeitos adversos secundários.

POLUIÇÃO DO AR:

Ou poluição atmosférica. É a acumulação de qualquer substância ou forma de energia no ar, em concentrações suficientes para produzir efeitos mensuráveis no homem, nos animais, nas plantas ou em qualquer equipamento ou material, em forma de particulados, gases, gotículas ou qualquer de suas combinações.

POLUIÇÃO DO SOLO:

Contaminação do solo por qualquer um dos inúmeros poluentes derivados da agricultura, da mineração, das atividades urbanas e industriais, dos dejetos animais, do uso de herbicidas ou dos processos de erosão.

POMAR:

Área projetada para cultivo de árvores frutíferas, combinando a produção de alimentos com a beleza paisagística.

PONTA:

Extremidade saliente da costa, de fraca elevação, que avança de forma aguçada em direção ao oceano, sem ter, porém, grande altura.

PONTAL:

Língua de areia e seixos de baixa altura, disposta de modo paralelo, oblíquo ou mesmo perpendicular à costa e que se prolonga, algumas vezes, sob as águas, em forma de banco. No primeiro caso, pode ser considerado uma restinga (GUERRA, 1978).

POPULAÇÃO TRADICIONAL.:

Grupo humano distinto da sociedade nacional por suas condições sociais, culturais e econômicas, que se organiza total

ou parcialmente por seus próprios costumes ou tradições ou por uma legislação especial e que, qualquer que seja sua situação jurídica, conserva seus próprios costumes ou tradições instituições sociais, econômicas, culturais ou por parte delas.

POPULAÇÃO:

Em ecologia, o termo população, cunhado inicialmente para designar um grupo de pessoas, ampliou-se para incluir grupos de indivíduos de qualquer classe de organismos (ODUM, 1972).

PÓRTICO:

Estrutura de entrada, que serve como portal para um espaço ou edifício. Ponto focal de projeto paisagístico e marco referencial da paisagem urbana.

POSSE:

Acordo socialmente definido por indivíduos ou grupos, reconhecido por estatuto legal ou costumes relativos ao conjunto de direitos e obrigações sobre o acesso e/ou de uma unidade de áreas específicas ou de seus recursos associados, como árvores individuais, espécies de plantas, recursos hídricos ou minerais.

POSSEIRO:

Agricultor que se utiliza de terra que aparentemente não tem dono.

POSSESSÃO:

Submissão de um país ou província ao controle de outra.

POUSO DAS AVES:

Local onde as aves se alimentam, ou se reproduzem, ou pernoitam, ou descansam (Resolução CONAMA nº004/85).

POVOAMENTO FLORESTAL:

Conjunto de todas as árvores e demais vegetações lenhosas, que ocupam determinada área (Portaria Normativa IBDF 302/84).

POVOS INDÍGENAS:

Coletividades que se distinguem no conjunto da sociedade nacional por reconhecerem seus vínculos históricos com populações ameríndias antecessoras ao processo de colonização europeia.

PRAÇA:

Espaço livre aberto e público, localizado em áreas urbanas, destinado ao convívio comunitário. Apresenta áreas

pavimentadas e acessíveis, contendo mobiliário urbano, como bancos, fontes de água, monumentos, estátuas e iluminação pública, além de áreas de jardins com gramados, árvores e arbustos. É destinada à circulação e permanência de pedestres. Algumas praças possuem áreas de recreação infantil, palcos para eventos culturais e espaços para feiras e mercados ao ar livre, servindo como locais de encontro, lazer e atividade social.

PRAIA DURA:

Praia onde as ondas se dissipam violentamente, rochas em geral (em inglês wide beach).

PRAIA MOLE:

Praia onde as ondas se dissipam suavemente, areias finas em geral (em inglês narrow beach).

PRAIA:

A praia é definida por duas zonas principais: a faixa de beiramar, onde as ondas quebram, e a faixa de estirâncio, área dinâmica afetada pelo fluxo e refluxo das marés, situada entre as linhas de alta e baixa maré. Este ambiente é marcado pelo acúmulo de areia, predominantemente composta por grãos de quartzo, resultante da ação de transporte por rios ou

correntes marinhas. A extensão das praias varia de acordo com as marés, podendo ser completamente submersas durante marés de sizígia. O litoral apresenta-se como uma faixa coberta por sedimentos arenosos ou rudáceos, estendendo-se da linha de baixa-mar até um ponto de mudança fisiográfica notável ou até onde se inicia a vegetação natural ou outro ecossistema. Influenciada diretamente pelas forças oceânicas, ventos e correntes marinhas, a praia é uma área periodicamente coberta e descoberta pelas águas, indicando eventos como tsunamis quando o mar recua anormalmente.

PREAMAR:

Momento em que ocorre o maior recuo da maré durante a vazante do mar (em inglês beach loss).

PREAMARES DE QUADRATURA:

Chamada também de **MARÉ DE LUA** - se refere a menor amplitude que ocorre nos dias em que a Lua se apresenta em quarto crescente ou minguante.

PREAMARES DE SIZÍGIA:

Refere-se à maior amplitude das marés no período em que a Lua (cheia e nova) e Sol estão alinhados exercendo maior influência sobre a terra num ponto de observação maregráfica.

PRÉ-DUNAS:

Áreas que surgem a partir dos sedimentos areno-quartzosos depositados pelo mar na faixa de praia e que, através dos ventos dominantes (SE e NE), são transportados e depositados num processo contínuo (Portaria IBAMA 31-N/91).

PRESERVAÇÃO:

Conservação ambiental que envolve a proteção rigorosa de áreas, ecossistemas e espécies ameaçadas, adotando medidas preventivas e de vigilância para garantir sua preservação contra danos, destruição ou degradação. Isso inclui a manutenção da intocabilidade de áreas de valor patrimonial, a implementação de métodos, procedimentos e políticas para a conservação a longo prazo de habitats, espécies e processos ecológicos, e a prevenção da simplificação dos sistemas naturais. O objetivo é assegurar a proteção integral dos atributos naturais, mantendo a biodiversidade e os serviços ecossistêmicos.

PROCESSO ECOLÓGICO:

Caminho que a dinâmica ecológica segue e que é regulado pela interação entre energia, força e resistência da natureza, ou seja, é uma relação sistemática em que a biosfera é produzida por fenômenos naturais, como luz, água e nutrientes.

PRODUTIVIDADE DO ECOSISTEMA:

Taxa de acumulação de biomassa em uma dada área em um dado período. Geralmente é medida em toneladas por hectare.

PROJEÇÃO CARTOGRÁFICA:

Método utilizado para representar, sobre uma superfície plana, os fenômenos que ocorrem na superfície da Terra através de processos de transformações geométricas e analíticas. A correspondência entre os pontos da superfície terrestre e a sua representação constitui o problema fundamental da cartografia, pois impossibilita uma solução perfeita, ou seja, uma projeção livre de deformações. Tentando minimizar as distorções, diferentes técnicas de representação são aplicadas para se alcançar resultados que possuam propriedades favoráveis para um propósito específico.

PROJETO ARQUITETÔNICO:

Consiste numa representação gráfica de uma concepção espacial que será materializada numa construção. Como documento, são requeridos os desenhos da situação do lote na cidade, da implantação da obra no lote, da planta baixa do pavimento, da planta da cobertura, do corte longitudinal, do corte transversal e das elevações. Além desses documentos, são necessárias as perspectivas das fachadas ou renderizações foto realistas, o memorial descritivo, o orçamento e o cronograma físico financeiro.

PROJETO PAISAGÍSTICO:

Conjunto de informações gráficas e textuais que possibilitam transmitir uma concepção e a resolução espacial e as soluções construtivas para um espaço livre, público ou privado. Metodologicamente, pode ser elaborado a partir de: a percepção ambiental do local onde se implantará e a sensibilidade para compreender para quem se implantará o espaço livre (1º passo – análise). Definindo-se os usos e práticas para necessidades e usufruto dos usuários (2º passo – avaliação). Estudando-se a paisagem existente e os resultados da avaliação, ensaiam-se as paisagens possíveis (3º passo – simulação preliminar). Agrupando-os em ambientes por afinidades e atividades e os zonificando no lote, estabelecendo

o partido arquitetônico paisagístico (4º passo – simulação experimental). Aplicando-se os métodos e as técnicas construtivas para viabilizar a construção aplicando materiais de construção civil e o material vegetal (5º passo – materialização da concepção). Representação gráfica e produção textual complementam a expressão final da concepção paisagística (6º passo – pranchas de projeto paisagístico).

PROMENADE:

Caminho amplo projetado para caminhadas e atividades de lazer, muitas vezes ladeado por vegetação e elementos arquitetônicos.

PROPAGAÇÃO VEGETATIVA:

Multiplicação somática do indivíduo. A multiplicação pode se dar, entre outras formas, por bulbilhos, cormos, estolões, rizomas e estacas.

PROPAGAÇÃO:

Reprodução e a multiplicação de uma cultivar, ou a concomitância dessas ações (Lei 9.456/97).

PROTEÇÃO INTEGRAL:

Manutenção dos ecossistemas livres de alterações causadas por interferência humana, admitindo apenas o uso direto dos seus atributos naturais (ARRUDA et alli, 2001).

PROTEÇÃO:

Salvaguarda dos atributos ou amostras de um ecossistema com vistas a objetivos específicos definidos (ARRUDA et alli, 2001).

Q

QUADRA:

1- Conjunto de lotes. 2- Áreas destinadas à prática de diferentes esportes (de Futebol de Areia, de Futebol de Grama, de Futsal, de Squash, de Tênis, de Vôlei, Poliesportiva).

QUADRA DE FUTEBOL DE AREIA:

Espaço delimitado para a prática de futebol na areia, geralmente menor que um campo de futebol tradicional e com regras adaptadas. As dimensões oficiais são geralmente de 35 a 37 metros de comprimento por 26 a 28 metros de largura.

QUADRA DE FUTEBOL DE GRAMA:

Área retangular, com grama natural ou sintética, destinada à prática de futebol. Para futebol profissional, as dimensões variam entre 100 e 110 metros de comprimento e 64 a 75 metros de largura. Para futebol amador ou recreativo, as medidas podem ser menores.

QUADRA DE FUTSAL:

Quadra menor que um campo de futebol, geralmente com piso duro, para a prática de futsal, uma variante do futebol de salão. As dimensões oficiais são de 40 metros de comprimento por 20 metros de largura.

QUADRA DE SQUASH:

Área fechada com paredes específicas para a prática do squash, um esporte de raquete que envolve rebater uma bola contra uma parede. Uma quadra de squash tem 9.75 metros de comprimento e 6.4 metros de largura. A altura do teto deve ser pelo menos 5.64 metros.

QUADRA DE TÊNIS:

Área retangular delimitada para a prática do tênis, com superfícies variadas como grama, terra batida ou piso duro. As dimensões oficiais para uma quadra de tênis são 23.77 metros de comprimento por 8.23 metros de largura para jogos individuais, e 10.97 metros de largura para jogos em duplas.

QUADRA DE VÔLEI:

Espaço designado para a prática de voleibol, podendo ser em ambiente interno ou externo, e com piso de grama, areia ou material sintético. Para vôlei de quadra, as dimensões são 18

metros de comprimento por 9 metros de largura. Para vôlei de praia, a quadra é ligeiramente menor, medindo 16 metros de comprimento por 8 metros de largura.

QUADRAS POLIESPORTIVAS:

Áreas adaptáveis para a prática de diversos esportes, como basquete, vôlei, futsal, entre outros. Geralmente possuem marcações para diferentes modalidades e podem ser utilizadas para múltiplas funções e as dimensões podem variar, mas uma quadra poliesportiva típica mede cerca de 28 metros de comprimento por 15 metros de largura.

QUALIDADE AMBIENTAL:

1. Os juízos de valor adjudicados ao estado ou condição do meio ambiente, no qual o estado se refere aos valores (não necessariamente numéricos) adotados em uma situação e um momento dados, pelas variáveis ou componentes do ambiente que exercem uma influência maior sobre a qualidade de vida presente e futuro dos membros de um sistema humano (Gallopín, 1981). 2. O estado do meio ambiente como objetivamente percebido, em termos de medição de seus componentes, ou subjetivamente, em termos de atributos tais como beleza e valor” (Munn, 1979). 3. É o estado do ar, da

água, do solo e dos ecossistemas, em relação aos efeitos da ação humana (Horberry, 1984).

QUALIDADE DA ÁGUA:

Propriedades físicas, químicas e biológicas da água.

QUINTAL:

Área privativa ao ar livre, geralmente localizada na parte posterior de residências, versátil em seu uso e composição, usado para lazer e jardinagem.

R

RAIZ AXIAL:

Descreve as raízes pivotantes das espécies dicotiledôneas.

RAIZ ADVENTÍCIA:

Surge de partes não convencionais da planta, como caule ou galhos. Pode ajudar na fixação e suporte extra, especialmente em solos alagadiços. Exemplo: Mangue.

RAIZ FASCICULADA:

Não possui uma raiz principal dominante, mas sim um conjunto de raízes finas que se espalham uniformemente no solo. Comum em gramíneas e algumas árvores jovens.

RAIZ PIVOTANTE (AXIAL):

É a raiz principal que cresce verticalmente para baixo, profundamente no solo. Dá à árvore estabilidade e facilita a busca por água em camadas profundas. Exemplo: Carvalho

RAIZ RADIAL:

Descreve as raízes fasciculadas das espécies monocotiledôneas

RAIZ SUPERFICIAL:

Cresce horizontalmente perto da superfície do solo. Muito comum em árvores que precisam captar nutrientes na camada superficial, como algumas espécies de coníferas.

RAIZ TABULAR (Sapopemba):

Formada por grandes raízes que se projetam para fora do solo, proporcionando suporte adicional à árvore, especialmente em solos pobres. Exemplo: Figueira.

RAIZ RESPIRATÓRIA (pneumatóforo):

Raízes que crescem verticalmente para fora do solo ou da água para captar oxigênio. São comuns em áreas alagadas. Exemplo: Manguezal.

RAMO:

É uma parte da árvore que cresce a partir do tronco ou de outro ramo maior, formando a estrutura onde crescem as folhas, flores e frutos.

RAMIFICAÇÃO:

Refere-se ao processo pelo qual uma planta ou árvore desenvolve ramos a partir do tronco principal ou de outros ramos. Esse fenômeno é essencial para o crescimento e a estruturação da planta, permitindo uma maior captação de luz solar, que é crucial para a fotossíntese, além de aumentar a área de produção de folhas, flores e frutos.

RAMPA:

Elemento construído inclinado destinado a vencer altitudes entre pisos, devendo ter inclinação máxima de 8,33% conforme NBR 9050/2004 (veja como calcular em INCLINAÇÃO).

RECINTO:

Espaço delimitado no ambiente de um espaço livre.

REENTRÂNCIAS:

São as entradas de mar ou rio observadas no relevo no plano cartográfico, como as baías, golfos etc.

REFÚGIO:

Área destinada ao descanso e à contemplação, muitas vezes em um jardim ou parque.

RENQUE:

Fileira de plantas ou árvores, usadas para delimitar espaços ou criar barreiras visuais ou como elemento ornamental, formando barreiras vivas ou cercas naturais.

REPUXO:

Jatos de água que são projetados para o ar, utilizados como elementos decorativos, adicionando dinamismo e frescor ao ambiente.

RESERVA BIOLÓGICA:

Reserva criada pelo Poder Público com a finalidade de resguardar atributos excepcionais da natureza, conciliando a proteção integral da flora, da fauna e das belezas naturais, com a utilização para objetivos educacionais, recreativos e científicos (Lei nº 4.771, de 15.09.65).

RESERVAS ECOLÓGICAS:

Considera-se os seguintes locais: 1 - Pousos das aves de arribação protegidos por Convênio, Acordos ou Tratados assinados pelo Brasil com outras nações; 2 - Florestas e demais formas de vegetação natural situadas ao longo dos rios ou de outro qualquer corpo d'água, em faixa marginal além do leito maior sazonal medida horizontalmente, cuja largura mínima

será de 5 (cinco) metros para rios com menos de 10 (dez) metros de largura; igual a metade da largura dos corpos d'água que meçam de 10 (dez) a 200(duzentos) metros; de 100 (cem) metros para todos os cursos d'água cuja largura seja superior a 200 (duzentos) metros; 3 - Redor das lagoas, lagos ou reservatórios d'água naturais ou artificiais, desde o seu nível mais alto medido horizontalmente, em faixa marginal cuja largura mínima será: de 30 (trinta) metros para os que estejam situados em áreas urbanas; de 100 (cem) metros para os que estejam em áreas rurais, exceto os corpos d'água com até 20 (vinte) hectares de superfície, cuja faixa marginal será de 50 (cinquenta) (cinquenta).

RIO ESTADUAL:

Corrente de água cujo curso está inserido dentro de um só Estado e legalmente sob domínio jurídico desse Estado.

RIO FEDERAL:

Rio que banha mais de um Estado ou serve de fronteira entre eles e/ou que faz fronteira entre o território do Brasil com um ou mais países vizinhos ou deles provém ou para eles escoar.

RIO FRONTEIRIÇO:

Rio que constitui fronteira entre dois países ou entre dois estados.

ROCHA SEDIMENTAR:

Rocha originada pela consolidação de detritos de rochas que foram transportados, depositados e acumulados, ou de produtos de atividade orgânica, precipitados químicos por evaporação ou atividade bioquímica. Geralmente forma estratos ou camadas. As rochas sedimentares detríticas são classificadas de acordo com sua granulometria - ex.: arenito, siltito, argilito, e as químicas de acordo com sua composição - ex.: calcário, dolomito, halita.

ROTATÓRIA:

Interseção circular em estradas ou caminhos, frequentemente com um elemento paisagístico central.

RUA IDEAL:

Conceito de design urbano focado na criação de vias utilitárias, esteticamente organizadas e ecologicamente funcionais.

S

SAIBRO:

Material proveniente da decomposição química e desagregação mecânica incompleta de rochas claras, principalmente granitos e gnaisses, conservando vestígios da estrutura original.

SALIÊNCIAS:

São os avanços na terra observados no relevo no plano da cartografia, como as pontas e pontais da costa ou das margens de rios e igarapés.

SALINIDADE:

Concentração relativa de sais dissolvidos na água, geralmente expressa em termos equivalentes de cloreto de sódio em miligrama por litro-mg/l, ou partes por milhão-ppm.

SALOBRO:

É o termo utilizado para descrever a água que possui uma salinidade intermediária entre a água doce e a água salgada. A

água salobra, geralmente ocorre em áreas de transição, como estuários, onde as águas dos rios (doces) se encontram com as águas do mar (salgadas), resultando em uma mistura de ambas e fica entre 0,5 e 30 gramas de sal por litro.

SAMBAQUI:

Designação indígena aplicada a amontoados de conchas de moluscos comestíveis. Podem conter ossos, armas, utensílios humanos, restos de fogueiras, esqueletos de aves e animais de caça, espinhos e escamas de peixe.

SANEAMENTO AMBIENTAL:

Conjunto de ações que tendem a conservar e melhorar as condições do meio ambiente em benefício da saúde" (SAHOP, 1978). "É a aplicação dos princípios da Engenharia, da Medicina, da Biologia e da Física no controle do ambiente, com aquelas modificações originárias da proteção e das medidas porventura desejáveis ou necessárias para instituir as condições ótimas de saúde e bem-estar (Carvalho, 1981).

SANEAMENTO BÁSICO:

Solução dos problemas relacionados estritamente com o abastecimento de água e disposição dos esgotos de uma comunidade (Carvalho, 1981).

SEBE:

Fileiras de arbustos ou árvores podados, formando barreiras vivas ou cercas naturais, essenciais para a privacidade e a segurança.

SECA:

Período anormalmente seco, suficientemente prolongado. Falta de precipitações pluviométricas que provocam grave desequilíbrio hidrológico.

SEDIMENTAÇÃO:

Processo de deposição por gravidade de materiais em suspensão na água.

SEDIMENTO:

Material fragmentário transportado pela água, vento ou gelo do lugar de origem ao de deposição. Em cursos d'água, os sedimentos são materiais aluviais carreados em suspensão ou como material sólido de fundo.

SEDIMENTO FLUVIAL:

Sedimento depositado por correntes de água doce. Caracteriza-se por uma fraca seleção granulométrica, por variação litológica rápida, desde conglomerado até argila,

estratificação irregular e arredondamento variável dos elementos constituintes. São comuns as marcas de onda.

SEIXO:

Fragments arredondados de rocha e/ou mineral, com diâmetro compreendido entre 4,0 e 64,0 mm (Wentworth).

Sin.: cascalho.

SELEÇÃO:

Durante os processos de intemperismo, transporte e sedimentação, pode ocorrer a separação dos elementos iniciais conforme tamanho, peso e resistência.

SEMI-HERBÁCEAS:

São plantas que possuem características intermediárias entre as herbáceas e as lenhosas. Elas têm caules parcialmente macios e flexíveis, como as herbáceas, mas também podem desenvolver algumas partes mais rígidas ou lenhosas, especialmente nas bases dos caules. Isso lhes confere maior resistência, permitindo que sobrevivam por mais tempo, mesmo após o fim da estação de crescimento. As semi-herbáceas mantêm sua parte aérea por mais tempo do que as herbáceas puras, mas não se desenvolvem em grandes estruturas lenhosas como árvores ou arbustos.

SEMILENHOSAS:

Plantas que possuem fibras, mas não apresentam a resistência material das árvores, em geral arbustivas.

SENSORIAMENTO REMOTO:

Coleta de informações sobre um objeto por meio do registro através de aparelhos sem contato físico com ele. O termo é comumente restrito aos principais métodos que registram energia refletida ou eletromagnética, mais do que aos métodos que envolvem penetração significativa dentro da Terra. As técnicas utilizadas vão desde aparelhos como câmeras, detectores infravermelhos, receptores de frequência de microondas e sistemas de radar (Bates e Jackson, 1987, p. 560)

SOLO:

Parte desintegrada da camada superficial da crosta terrestre, constituída de material incoerente ou de fraca coerência, como por exemplo, cascalho, areia, silte, argila ou qualquer mistura desses materiais. Em paisagística, consideramos principais 5 horizontes de solo.

SOLO ARGILOSO:

Solo de granulação muito fina ou a parte de um solo que apresenta características marcantes de plasticidade dentro de

uma faixa de umidade, bem como uma elevada resistência à compressão simples. Ou ainda solo constituído essencialmente de hidro silicatos de alumínio (como o caulim), etc.

SULCO:

Veio aberto na superfície do solo por meio de processo erosivo. Primeiro estágio da erosão. Sendo o segundo a ravina e o terceiro a voçoroca.

SUPERFÍCIE DE EROSÃO:

Superfície plana resultante do aplainamento de uma área por processos erosivos. Sin.: superfície de aplainamento.

T

TALUDE:

Superfície inclinada do terreno na base de um morro ou de uma encosta do vale onde se encontra um depósito de detritos. O talude é um termo topográfico muito usado em geomorfologia adquirindo, por vezes, sentido genético quando seguido de um qualificativo – talude estrutural, de erosão, de acumulação etc.

TALVEGUE:

Eixo da drenagem, parte mais funda da vala ou do leito do rio.
"Linha de maior profundidade no leito fluvial.

TANQUE:

Reservatórios de água usados para fins decorativos ou de armazenamento, integrando funcionalidade e estética.

TERRAÇO:

Área ao ar livre, geralmente elevada ou em um nível superior de um edifício, usada para lazer e observação.

TERRENOS ACRESCIDOS DE MARINHA:

Os que se tiverem formado natural ou artificialmente para o lado do mar ou dos rios e lagoas em seguimento aos terrenos de marinha (PORTOMARINST no. 318.001 - 20.10.80).

TERRENOS DE MARINHA:

São áreas situadas até 33 metros da linha de preamar média de 1831, medidos horizontalmente para a parte da terra, da posição da linha da preamar médio de 1831, tanto no continente quanto em ilhas, onde há influência das marés. Isso inclui regiões costeiras, margens de rios e lagoas, definidos pelo Decreto-Lei nº 3.438, de 1941, e regulamentações posteriores.

TERRENOS MARGINAIS:

Os que, banhados pelas correntes navegáveis, fora do alcance das marés, vão até a distância de 15 (quinze) metros, medidos horizontalmente, para a parte da terra, contados desde a linha média das enchentes ordinárias (PORTOMARINST no 318.001 - 20.10.80).

TIPOLOGIA ECOSSISTÊMICA:

Um padrão paisagístico específico que engloba um ecossistema natural formado pelo solo, as águas, o ar, a flora típica e a fauna

dependente. Como as praias, dunas, áreas de escarpas, falésias, costões rochosos, restingas, manguezais, marismas, lagunas, estuários, canais ou braços.

TOPIARIA:

A arte de podar plantas em formas específicas, para controle artístico ao jardim. Corte artístico da vegetação.

TOPO OU CUME (DE MORRO):

Parte mais alta do morro, monte, montanha ou serra (Resolução no. 04, de 18.09.85, do CONAMA).

TOPOGRAFIA:

Representação da configuração de uma porção do terreno com todos os acidentes e objetos que se encontram à sua superfície (Ferreira, 1975, p. 1388)

TRANSMITÂNCIA LUMINOSA:

Medida de quanto a luz passa através de um material, relevante no planejamento de espaços com luz natural.

TREPADEIRA ou LIANA:

Planta que cresce buscando o sol se desenvolvendo apoiada em árvores ou estruturas verticais naturais ou construídas

TREVO ou TESOURINHA:

Espaços livres do sistema viários que resultam das interseções projetadas em diferentes níveis das vias públicas em acessos a viadutos, frequentemente com tratamento paisagístico.

TUTOR:

Suporte usado para guiar o crescimento de plantas, especialmente trepadeiras.

U

UMIDADE:

Refere-se à quantidade de vapor de água presente no ar, no solo ou em materiais.

UMIDADE RELATIVA DO AR:

Para uma dada temperatura e pressão, a relação percentual entre o vapor d'água contido no ar e o vapor que o mesmo ar poderia conter se estivesse saturado a idênticas temperatura e pressão. (WMO)

UMIDADE DO SOLO:

Refere-se à quantidade de água presente nas camadas do solo, fundamental para o crescimento das plantas.

URBANIZAÇÃO:

É um processo de transformação da paisagem que possui velocidade, duração e ritmo próprios, sendo por isso um processo vetorial e sistêmico simultaneamente resultado do sistema social e do sistema natural (PRADO, 2011).

URNAS:

Recipientes utilizados para deposição de restos mortais.

V

VALE:

Depressão topográfica alongada, aberta, inclinada numa direção em toda a sua extensão. Pode ser ocupada ou não por água.

VALE FLUVIAL:

Vale ocupado por um rio.

VÁRZEA:

Terras planas próximas ao fundo do vale de um rio, inundadas quando o escoamento do curso d'água exceda a capacidade normal do canal.

VASOS:

Recipientes utilizados para plantas, usados para ornamentação e cultivo em espaços limitados.

VAZÃO:

Volume de água escoada por unidade de tempo.

VETOR:

Conceito fundamental no projeto arquitetônico paisagístico e planejamento da paisagem, aplicado em cartografias mapeando um eixo axial horizontal, como uma linha imaginária que organiza e orienta a disposição de elementos arquitetônicos e paisagísticos em um espaço ativo, criando um sentido da direção dominante. Representado graficamente por uma seta, o vetor indica o movimento ou a força aplicada de um ponto a outro.

VIA PÚBLICA:

Constituída por ruas e avenidas, as vias públicas formam a espinha dorsal da circulação urbana, incluindo elementos como calçadas e canteiros.

VISADA:

Perspectiva ou vista planejada de arquitetura paisagística, focalizando os elementos compositivos específicos que simulam uma paisagem concebida. Esse desenho compõe a documentação do projeto paisagístico (Documento fundamental do projeto paisagístico).

GLOSSÁRIO LEGAL

ABERTURA DE VIA PÚBLICA:

Um dos principais elementos que diferencia o loteamento de outras formas de parcelamento do solo, como o desmembramento, é a abertura de novas vias públicas ou a modificação das vias já existentes. Essas vias, juntamente com outros espaços públicos (praças, áreas verdes), são transferidas para o domínio do poder público (Lei nº 6.766/1979).

ÁREAS COMUNS:

São de uso compartilhado por todos os condôminos, incluindo áreas como escadarias, elevadores, jardins, garagens, piscinas, entre outros. A administração e a manutenção dessas áreas são feitas coletivamente, conforme Código Civil Brasileiro nos artigos 1.331 a 1.358.

ÁREAS PÚBLICAS OBRIGATÓRIAS EM LOTEAMENTOS:

São áreas doadas ao município que se tornam de uso comum da população, com o objetivo de garantir espaços abertos e públicos suficientes para a comunidade em uma porcentagem

mínima da gleba para áreas públicas, como ruas, praças, e áreas verdes (Lei nº 6.766/1979).

CONDOMINIO:

São edifícios ou conjuntos de unidades autônomas (como apartamentos, salas comerciais, casas em condomínio fechado etc.), que compartilham áreas comuns, conforme Código Civil Brasileiro nos artigos 1.331 a 1.358.

DESMEMBRAMENTO:

É o ato de subdividir uma gleba ou um terreno em lotes menores, sem a abertura de novas vias públicas ou logradouros, e sem a modificação das vias já existentes, conforme a Lei de Parcelamento do Solo Urbano (Lei nº 6.766/1979).

DOMINIO PRIVADO DAS VIAS:

Vias internas que são acessíveis ao público em um condomínio, geralmente são mantidas como parte do domínio privado e não integram o sistema viário público (Lei nº 6.766/1979).

DOMÍNIO PÚBLICO DAS VIAS:

Vias públicas são propriedade do poder público (municipal, estadual ou federal) e devem estar abertas ao uso geral da

população. Elas são parte do patrimônio público e, como tal, não podem ser privatizadas ou fechadas para o uso exclusivo de particulares (Lei nº 6.766/1979).

FRAÇÃO IDEAL DO TERRENO:

Cada unidade possui uma fração ideal do terreno correspondente à sua proporção em relação ao todo do condomínio, que é usada para determinar a contribuição de cada unidade nas despesas comuns, conforme Código Civil Brasileiro nos artigos 1.331 a 1.358.

GLEBA:

É um terreno que ainda não foi submetido ao processo de parcelamento do solo, ou seja, não foi dividido em lotes menores, conforme a Lei de Parcelamento do Solo Urbano (Lei nº 6.766/1979).

INFRAESTRUTURA BÁSICA:

São os equipamentos urbanos de escoamento das águas pluviais, iluminação pública, redes de esgoto sanitário e abastecimento de água potável, e de energia elétrica pública e domiciliar e as vias de circulação pavimentadas ou não (Lei nº 6.766/1979, Art. 2º, § 5º).

LOTE:

É a parcela de terreno resultante do parcelamento da gleba, servido de infraestrutura básica, com acesso direto a uma via pública. Uma das características essenciais de um lote é que ele deve ter uma testada de frente para uma via pública oficial, e cujas dimensões atendam aos índices urbanísticos definidos pelo plano diretor ou lei municipal para a zona em que se situe, conforme a Lei de Parcelamento do Solo Urbano (Lei nº 6.766/1979).

LOTEAMENTO:

É a divisão de uma gleba ou terreno em lotes destinados à construção, acompanhada da criação de novas vias públicas ou prolongamento, modificação ou ampliação das vias existentes. O loteamento implica também na necessidade de destinar áreas para o uso público, como ruas, praças e áreas verdes, conforme a Lei de Parcelamento do Solo Urbano (Lei nº 6.766/1979).

OPERAÇÕES URBANAS CONSORCIADAS:

São intervenções planejadas em áreas estratégicas da cidade que visam a requalificação urbana e o desenvolvimento de áreas específicas das cidades através de parcerias entre o poder público e a iniciativa privada para a melhoria da

infraestrutura, a valorização dos espaços urbanos e a qualidade de vida nas áreas selecionadas, geralmente em regiões degradadas ou subutilizadas. E podem incluir a aplicação do solo criado e da outorga onerosa do direito de construir (Lei nº 10.257/2001).

OPERAÇÕES URBANAS EM SÃO LUÍS-MA:

Art. 1º - Considera-se Operação Urbana o procedimento em que a Prefeitura de São Luís permite o aumento da Área Total Máxima de Edificação (ATME) e do Gabarito Máximo de terrenos particulares no município, a partir de propostas apresentadas pelos proprietários. Em contrapartida, esses proprietários devem se comprometer a financiar infraestrutura e melhorias urbanas, em troca das alterações nos índices urbanísticos de seus terrenos (Lei Municipal nº 3.254/92)."

OUTORGA ONEROSA DO DIREITO DE CONSTRUIR:

Trata-se do mecanismo pelo qual o município autoriza o aumento do potencial construtivo em determinadas áreas urbanas, mediante o pagamento de uma contrapartida. Esse pagamento é utilizado para financiar melhorias na

infraestrutura urbana, habitação social, e outras demandas públicas (Lei nº 10.257/2001).

PERCENTAGEM DE ÁREAS PÚBLICAS:

Corresponde a um mínimo de 35% da área de uma gleba que é transformada em loteamento. É uma área doada obrigatoriamente ao poder público como condição para a aprovação de um projeto de loteamento. Esse percentual pode ser composto de ruas, praças, áreas verdes entre outros espaços de uso comum do povo (Art.4º § 1º da Lei nº 6.766/1979).

PROJETO ARQUITETÔNICO APROVADO:

Conforme NBR 12721:2006 3.1 projeto arquitetônico aprovado corresponde ao conjunto de pranchas da edificação aprovado pela autoridade local competente. (Nota. Constitui um dos documentos a ser arquivado no Ofício de Registro de Imóveis, conforme art. 32, alínea d, da Lei 4.591/64).

SOLO CRIADO:

É a área adicional de construção permitida em um terreno além do coeficiente de aproveitamento básico, mediante o pagamento de uma outorga onerosa do direito de construir mediante o pagamento de uma contrapartida financeira ao

poder público. E o coeficiente de aproveitamento é o índice que determina a quantidade de área construída que pode ser realizada em relação à área do terreno (Lei nº 10.257/2001).

TESTADA DO LOTE:

É a medida linear da parte do lote que faz contato direto com a rua, avenida ou qualquer outra via de circulação oficial e se refere à extensão da frente de um terreno ou lote voltada para a via pública (Lei nº 6.766/1979).

UNIDADES AUTÔNOMAS:

Cada proprietário tem a propriedade exclusiva de uma unidade (como um apartamento) e uma fração ideal das áreas comuns (como corredores, elevadores, jardins). São propriedade comum e, portanto, com direitos iguais sobre todo o bem, sem delimitação de partes exclusivas, conforme Código Civil Brasileiro nos artigos 1.331 a 1.358.

VIA PÚBLICA:

É qualquer espaço destinado ao uso comum, que permite a circulação de pessoas, veículos e, em alguns casos, animais. Esse espaço é de domínio público, ou seja, pertence ao poder público e deve ser acessível a todos. São vias públicas as Ruas e Avenidas, Rodovias, Praças e Calçadas, Ciclovias, entre

outros tipos de caminhos ou espaços destinados ao trânsito, essenciais para a organização do espaço urbano e para garantir o direito de ir e vir da população (Lei nº 9.503/1997).

CONCLUSÃO

Com este glossário desejo oferecer uma visão abrangente dos termos e conceitos fundamentais da ARQUITETURA DA PAISAGEM e da ARQUITETURA PAISAGÍSTICA, ilustrando a amplitude e a profundidade dessa disciplina.

Ao explorar cada termo, busquei não apenas definições nas mais variadas fontes, mas também inspirar para que a aplicação criativa e consciente desses conceitos estejam presentes no desenho de espaços exteriores.

É para quem projeta ESPAÇOS LIVRES e que espero promovam o bem-estar, a sustentabilidade e a beleza.

REFERÊNCIAS

Toda a literatura possível de ser lida e trabalhada em 30 anos de magistério na Universidade Estadual do Maranhão no Curso de Arquitetura e Urbanismo da UEMA, seja em português, em inglês, francês, italiano, espanhol e polonês.

Toda a literatura utilizada para a construção e coordenação de quatro especializações de Arquitetura Paisagística e para ministração de disciplinas desses cursos Lato Sensu.

Todas as aulas ministradas versando sobre Arquitetura da Paisagem, Arquitetura Paisagística, Projeto Paisagístico, Planejamento da Paisagem, Conforto Ambiental, Projeto Arquitetônico Hospitalar, Projeto Arquitetônico Escolar, Problemas Urbanos.

Toda a literatura estudada durante a graduação, as especializações, o mestrado e o doutorado.

Toda a literatura trabalhada em orientações de doutorandos, mestrandos, especializando, graduandos e bolsistas de iniciação de pesquisa ao longo de 27 anos de sala de aula. E algumas definições desenvolvidas por apoio de IA Generativa.

1ª Edição
GLOSSÁRIO DE ARQUITETURA PAISAGÍSTICA:
a importância do discurso na prática

Editora UEMA
E-Book
2024

